

GRUPALIDADE E SAÚDE

REINVENÇÃO E RUPTURAS
NO COTIDIANO DE MULHERES

ANDREA LANGBECKER

**GRUPALIDADE
E SAÚDE**

CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO
Responsável pela publicação desta obra

Maria Cristina Pereira Lima
Ana Teresa de Abreu Ramos Cerqueira
Eliana Goldfarb Cyrino

ANDREA LANGBECKER

**GRUPALIDADE
E SAÚDE**

REINVENÇÃO E RUPTURAS
NO COTIDIANO DE MULHERES

**CULTURA
ACADÊMICA** 
Editora

© 2010 Editora UNESP

Cultura Acadêmica

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.culturaacademica.com.br

feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L26g

Langbecker, Andrea

Grupalidade e saúde : reinvenção e rupturas no cotidiano de mulheres / Andrea Langbecker. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2011.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7983-177-5

1. Doentes mentais – Assistência em instituições. 2. Instituições sociais. 3. Grupos sociais. 4. Cuidados primários (Medicina). I. Título.

11-6214.

CDD: 362.21

CDU: 364.622-53

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

*Dá-me a tua mão desconhecida, que
a vida está doendo, e não sei como falar
– a realidade é delicada demais, só a realidade
é delicada, minha irrealidade e minha
imaginação são mais pesadas
(Clarice Lispector).*

SUMÁRIO

Introdução 09

- 1 Grupo-dispositivo: novos modos de subjetivação 19
- 2 Trilhando o caminho da criação-experimentação 30
- 3 As mulheres e suas vidas 44
- 4 “Lugar de mulher é dentro de casa” 75
- 5 Experimentando o novo 85
- 6 O Reviver como grupo-dispositivo 97

Referências bibliográficas 109

INTRODUÇÃO

Este livro, resultado de uma dissertação de mestrado, trata da experiência de um grupo de mulheres que se estruturou a partir das necessidades de algumas usuárias de um serviço de Saúde Mental. Elas encontraram, nos profissionais que as atendiam, a possibilidade de construir um novo espaço de encontro fora do âmbito institucional.

Em 2011, o grupo completou doze anos de existência, tendo se estabelecido com uma formação heterogênea: mulheres que o frequentam desde sua instalação e outras tantas que ingressaram em diferentes momentos, garantindo ao grupo uma permanente renovação. Caracterizou-se por ser um espaço grupal não terapêutico, algo não predominante quando se pensa em serviço de saúde (vejam-se os casos dos grupos de acolhimento, de medicação, de diabetes, de obesos, além dos grupos terapêuticos). Embora práticas como essa venham desempenhando papel relevante na Atenção Primária à Saúde (Onocko Campos e Gama, 2008), os serviços de

saúde carecem de espaços que não centrem suas práticas somente na doença.

Na concepção de Barros (2009), o grupo pode atuar como um dispositivo ao provocar novos acontecimentos e experiências, com focos mutantes de criação.

Conduzido por esse olhar do grupo-dispositivo, este livro descreve e analisa a experiência do grupo de convivência Reviver em sua possibilidade de romper com visões cristalizadas; de experimentar o novo e reinventar, de forma criativa, o cotidiano.

Esta obra organiza-se em cinco capítulos: no primeiro – “Grupo-dispositivo: novos modos de subjetivação” – apresentamos as teorias acerca dos grupos, com enfoque na abordagem desenvolvida por Barros. No segundo capítulo – “Trilhando o caminho da criação-experimentação” –, relatamos o convívio com o grupo, descrevemos e discutimos a sua história, desde a formação até os moldes atuais. No capítulo 3 – “As mulheres e suas vidas” –, apresentamos a história de vida de três entrevistadas, com destaque para os momentos mais significativos dessa trajetória e a vivência no grupo. No capítulo 4 – “Experimentando o novo” –, mostramos o que motivou a procura pelo grupo e as experiências proporcionadas por essa prática. No capítulo 5 – “O Reviver como grupo-dispositivo” –, discutimos as rupturas e pequenas revoluções cotidianas que ocorreram na vida dessas mulheres após começarem a participar do Reviver.

Na abertura de alguns capítulos, apresentamos cenas registradas no caderno de campo e que são expressivas para aproximar o leitor do universo dessas mulheres no grupo Reviver.

Técnicas e método utilizados: o fazer do pesquisador

Para a realização desta pesquisa de natureza qualitativa utilizamos a técnica da observação participante por

meio do registro em caderno de campo e entrevista em profundidade com as mulheres participantes do grupo, tendo por base suas histórias de vida. Também foi feita uma pesquisa documental e uma entrevista semiestruturada com as coordenadoras do grupo, com o objetivo de recuperar a história e os objetivos do Reviver.

Durante a observação participante, nos valem de um caderno de campo no qual foram registrados depoimentos, impressões e observações sobre as participantes do grupo, bem como do espaço de vivência. Serviram-nos de parâmetro alguns dos “mandamentos” sugeridos por White (Valladares, 2007) nas etapas da observação participante, desde a fase exploratória até a observação propriamente dita.

Para obter informações gerais antes de sair para o trabalho de campo, as formuladoras do Reviver foram orientadas quanto aos objetivos da pesquisa. As coordenadoras, então, abriram as portas de acesso ao Reviver, facilitando esse primeiro contato com as mulheres. Elas nos convidaram a fazer uma visita ao grupo a fim de que a proposta do trabalho fosse apresentada às participantes, que teriam o direito de permitir ou não a realização do estudo.

Foram realizadas duas visitas antes de começar a observação. As participantes mostraram-se receptivas por considerarem importante fazer um trabalho que desse projeção ao Reviver, que o valorizasse. Como é frequente a presença de estudantes durante as reuniões do grupo (graduandos, aprimorandos e residentes), com enfoques os mais diversos, a presença do pesquisador não causou estranheza ou desconforto às mulheres.

No início, buscamos nos manter apenas na condição de observadores. Entretanto, tornou-se impossível manter tal distanciamento e nos vimos, no decorrer dos dias, participando das atividades e interagindo com as pessoas. Como ressalta Bosi (2009, p.38), “uma pes-

quisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa”.

Houve dúvidas durante a realização dessa tarefa. Como pesquisadores, levávamos a experiência de repórteres, em relatos e descrições de pessoas e ambientes; porém, o fazíamos de forma simplificada. No começo, optamos por descrever praticamente todas as situações que estavam ocorrendo. Aos poucos, ao administrar melhor a realização dessa tarefa, foi possível discernir o que precisava ou não ser anotado.

A partir do caderno de campo foi possível elaborar uma descrição do grupo, buscando se aproximar da “descrição densa” proposta pelo antropólogo Geertz (1989). Para esse autor norte-americano, fundador da Antropologia Interpretativa, os dados são portadores de significados. Para ilustrar tal afirmação, Geertz¹ relata o episódio de dois meninos que estão piscando o olho. Como são movimentos idênticos, uma observação superficial nos levaria a apenas descrever esse ato à medida que a descrição densa levaria em consideração o sentido desse ato: poderia ser um tique nervoso ou uma piscadela conspiratória. A descrição densa busca, portanto, um olhar mais aprofundado sobre os fatos contados. Esse é o objeto da etnografia:

Uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam. (Geertz, 1989, p.17)

Para conhecer a trajetória de vida dessas mulheres, realizamos cinco entrevistas em profundidade, com enfoque na história de vida e na vivência grupal produzida no Reviver. As entrevistas duraram, em média, de uma a três horas. Utilizamos um roteiro que predizia a abordagem da infância,

1 Geertz baseia-se em Ryle.

da juventude, do casamento e da experiência no grupo, buscando percorrer as várias fases da vida. Nesse sentido,

O primeiro dia de aula, a perda de uma pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento dividem nossa história em períodos. Nem sempre conseguimos fixar tais divisões na data de um tempo exterior. Quando as marés de nossa memória já roeram as vigas, o fato deriva ao sabor das correntezas. No entanto, sofremos no dia a dia a inexorável divisão que nos constringe a deixar a casa pelo trabalho, a juventude pela maturidade e nos rouba do convívio mais caro. É a força do tempo social marcado por pontos de orientação que transcendem nossa vontade e nos fazem ceder à convenção. (Bosi, 2009, p.417)

Apesar de buscar esses ciclos da vida como referência, demos liberdade às entrevistadas de ir e vir na sequência desejada, deixando-as mais livres para conduzir a forma como queriam contar sua própria história. Em algumas entrevistas, houve a necessidade de se fazer mais interferências; em outras não, dependendo do ritmo. A intenção das intervenções sempre foi a de esclarecer dúvidas que surgiram durante o depoimento ou de completar alguma informação. Buscou-se respeitar o entrevistado quando insistia em retomar determinado assunto ou mesmo quando este era dolorido e a pessoa não desejava aprofundá-lo. Para Thompson,

o argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidências que valham por si mesmos, mas sim fazer um registro subjetivo de como um homem, ou uma mulher, olha pra trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade ou numa de suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, em que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista. (Thompson, 2002, p.258)

Por que utilizar a história de vida? Porque nela se encontra a potencialidade de trabalhar com a experiência humana (Lima, 1995). Segundo Thompson, a evidência oral transforma objetos em sujeitos, contribuindo para uma história mais rica, viva, comovente e verdadeira:

Ela trata de vidas individuais – e todas as vidas são interessantes. E baseia-se na fala, e não na habilidade da escrita, muito mais exigente e restritiva. As palavras podem ser emitidas de maneira idiossincrática, mas, por isso mesmo, são mais expressivas. Elas insuflam vida na história. (Thompson, 2002, p.41)

Nesse tipo de metodologia, o que interessa é o olhar do sujeito sobre sua própria história. Para Geertz (1989), os textos antropológicos são eles mesmos interpretações de segunda e terceira mão, considerando que a interpretação de primeira mão quem faz é o próprio sujeito. Ele é quem vai elencar, recortar os fatos mais importantes, mais significativos de sua trajetória. Só que o sujeito “não relata simplesmente sua vida, ele reflete sobre ela enquanto conta” (Bertaux, 1980).

A escolha das entrevistadas não foi aleatória. Foram selecionadas mulheres cuja história expressasse o quanto a participação no grupo foi produtiva e os impactos que esse fator causou em suas vidas. A seleção ocorreu durante o período de acompanhamento do grupo, quando foi possível manter contato com essas mulheres e perceber as que melhor poderiam relatar a sua experiência de vida.

Houve, por parte do entrevistador, a tentativa de estreitar vínculos com as entrevistadas para que se sentissem mais à vontade e, assim, pudessem relatar fatos às vezes muito pessoais e dolorosos. A entrevista despontou, no presente trabalho, como uma “forma de expressão por si, dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão e beleza” (Lima, 1995, p.85).

A opção pela entrevista baseada na história de vida contribuiu para que a criatividade e a integração fluíssem entre entrevistador e entrevistado que, em alguns momentos, alcançaram o diálogo, a troca de experiências. Isso colaborou para que as entrevistadas ficassem mais à vontade, como relataram duas participantes: “Não foi uma entrevista. Foi um bate-papo” e “Foi um desabafo”.

A postura do entrevistador foi aquela de quem acredita que, como ressalta Thompson, tem muito a aprender com o entrevistado: um ouvido atento e interessado pela fala do outro. Principalmente por serem mulheres mais velhas, menos valorizadas socialmente, mas com vivências e com um jeito de olhar para o mundo e para as suas dificuldades de forma muito singular.

Também se beneficiam, de maneira especial, as pessoas idosas. [...] Muito frequentemente ignoradas, e fragilizadas economicamente, podem adquirir dignidade e o sentido de finalidade ao rememorarem a própria vida e fornecerem informações valiosas a uma geração mais jovem. (Thompson, 2002, p.33)

Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem. (Bosi, 2009, p.63)

As entrevistas foram realizadas em número suficiente para se conformar uma diversidade de padrões e se reconhecer certa repetição no conteúdo dos relatos, o que, em pesquisa qualitativa, se chama “técnica da repetição”. Os depoimentos foram gravados por meio de um gravador digital, com posterior transcrição e digitação.

As entrevistas foram editadas em primeira pessoa, preservando a fala das entrevistadas. Em alguns momentos, trechos muito repetitivos ou que não eram relevantes foram suprimidos com o objetivo de proporcionar maior clareza. A edição contribuiu ainda para dar encadeamento aos fatos narrados, a fim de auxiliar a leitura e clareza do texto. Conforme Lima (1995, p.125), “é dessa distribuição concatenada de tempos e espaços, desta engenharia de armação do texto, que depende, em última instância, a fluência que a narrativa terá e a eficiência que a mensagem alcançará”.

As histórias de vida foram integralmente transcritas para que o seu conteúdo pudesse ser analisado. Os núcleos temáticos foram definidos segundo os diferentes ciclos da vida, sendo os mais relevantes: a infância e a juventude

(as dificuldades financeiras e a violência) e a vida de casada (“lugar de mulher é dentro de casa”, laços sociais fragilizados, dificuldades financeiras, experiências de violência e a ajuda profissional). Também foram identificados os núcleos temáticos significativos relativos à vivência do grupo Reviver e o que levou cada uma ao grupo e a permanecer nele: “ser bem recebida”, “estar junto”, a solidariedade, o “lidar melhor com o sofrimento mental”, o “medo de ficar sem o grupo” e o “experimentar o novo”.

Para obtenção dos dados sobre a história do grupo, seus objetivos e características, entrevistamos as duas coordenadoras do Reviver. Cada entrevista durou, em média, uma hora e foi gravada. As entrevistas foram transcritas e, após a leitura, selecionamos os trechos que continham as informações relevantes. Também consultamos as atas de algumas reuniões, em que constavam nomes das participantes, data de nascimento e atividades realizadas.

A seguir, um breve histórico das mulheres entrevistadas:²

Sonia – 62 anos, mora com a família e tem Ensino Fundamental completo. É aposentada. Fez psicoterapia duas vezes em diferentes serviços públicos de saúde mental. Frequenta o grupo de convivência Reviver desde o primeiro encontro, em 1999. Participa também dos grupos de artesanato e de teatro.

Gládis – 58 anos, mora com a família e tem Ensino Fundamental completo. É dona de casa. Fez psicoterapia em serviço de saúde mental pelo período de um ano e foi encaminhada pela própria instituição, em 2002, para participar do grupo de convivência Reviver.

Jane – 74 anos e mora com o filho. Tem Ensino Fundamental completo. É aposentada. Começou a participar do grupo de convivência Reviver em 1999 por indicação de um conhecido. Participa também do grupo de teatro.

2 Os nomes utilizados no decorrer de todo o texto são fictícios para preservar a identidade dessas mulheres. A idade refere-se ao período da realização da pesquisa. Em relação às coordenadoras do grupo, optou-se por utilizar os códigos C1 (Coordenadora 1) e C2 (Coordenadora 2).

Ester – 59 anos e mora com a família. Tem Ensino Fundamental completo. Começou a participar do grupo de convivência Reviver em 2002 a convite de amigas. Chegou a frequentar também o grupo de artesanato, mas largou por falta de tempo.

Rosangela – 69 anos e mora com o marido. Tem Ensino Fundamental incompleto. Começou a frequentar o Reviver em 2002 a convite de familiares que já participavam do grupo.

1

GRUPO-DISPOSITIVO: NOVOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

As atividades grupais, com finalidades diferentes e formas também diversas de se desenvolver, estão presentes em várias áreas do conhecimento, como na educação, no trabalho, na saúde e na psicologia (Barros, 2009). A utilização do grupo com fins terapêuticos remete ao começo do século XX, na experiência do fisiologista Pratt. Em 1905 ele obteve melhora no estado de saúde de pacientes tuberculosos depois que passou a ministrar aulas em grupo (Barros, 2009). Apesar de não ser psiquiatra nem psicoterapeuta, Pratt é considerado, por alguns autores, precursor desse tipo de psicoterapia. A partir de sua experiência, psiquiatras também começaram a usar essa técnica com pacientes institucionalizados. Entretanto, foi com o advento da Segunda Guerra Mundial que o tratamento grupal se difundiu (Ramadan, 2007). Atualmente, as práticas grupais têm sido uma importante ferramenta na Atenção Primária à Saúde (Onocko Campos e Gama, 2008).

A palavra grupo (*gruppo* ou *gruppo*) tem origem italiana, cujo sentido original é nó, laço, e expressa a ideia de ligação, união e aprisionamento, referindo-se ao grau de coesão dos grupos; ou germânica – *kruppa* –, que significava mesa arredondada, remetendo à tradição celta (Os

cavaleiros da Távola Redonda), referindo-se à ideia de círculo, de um grupo de iguais (Andaló, 2006). A palavra “grupo” só passou a denominar uma reunião de pessoas a partir do século XVIII, no contexto da valorização do homem e da Revolução Industrial (Barros, 2009), o que demonstra que os trabalhos com grupos são um fenômeno da sociedade capitalista (Andaló, 2006).

Para entender como o grupo foi se constituindo no decorrer dos últimos séculos, Barros (2009) resgata os movimentos de construção do objeto-grupo, explicando que esse processo se desencadeou a partir da valorização do indivíduo: da individualização. Numa descrição macropolítica dos séculos XVIII e XIX, a mesma autora (2009) mostra que esse processo começou no período de transição do feudalismo para o sistema capitalista, quando o indivíduo trocou a terra pela fábrica e a burguesia transformou os profissionais da Idade Média em servidores assalariados. Numa perspectiva liberal, a privacidade e a liberdade faziam parte de um projeto de Estado que valorizava as experiências individuais. Nesse ideário, o esforço pessoal era fundamental para a manutenção de um sistema capitalista que estava se consolidando.

No nível micropolítico, o indivíduo tornou-se um modo de subjetivação, que seria, segundo Barros (2009), o processo de constituição de subjetividades. Essa individualização, produzida nos séculos XVII e XVIII, marca saberes e práticas:

Quando nos referimos, portanto, a modos de subjetivação, os estamos tomando em seu sentido intensivo, isto é, enquanto maneira pela qual, a cada momento da História, prevalecem certas relações de poder-saber que produzem objetos-sujeitos, necessidades e desejos. Assim é que nos séculos XVII e XVIII a individualização era um modo dominante de constituição de objetos-sujeitos. Pouco escapava a esta forma/fôrma que chamarei de “modo-indivíduo”. (Barros, 2009, p.45)

Constituído por uma oposição entre indivíduo e sociedade, esse “modo-indivíduo” exerce influência na forma como as pessoas sentem, pensam, desejam e vivem o mundo (Barros, 1995). Para Guattari, o sistema capitalista precisa de um modo-indivíduo de produção de subjetividade para que sua engrenagem funcione. Dessa forma, “a subjetividade está essencialmente fabricada e modelada no registro social” (Guattari e Rolnik, 2005, p.46). Outros fatores, apontados por Barros (2009), que contribuíram para a concretização do modo-indivíduo são a separação das esferas pública e privada, mudanças nas instituições, como a escola e a infância, e o estabelecimento de uma política médica voltada para o bem-estar e a higiene de cada indivíduo e da população, que privilegiava a infância e medicalizava a família.

A mesma autora (2009) chama a atenção para o fato de que, no século XIX, houve movimentos de massa que representaram certa resistência ao poder constituído, os quais obtiveram algumas conquistas no que diz respeito a melhores condições de trabalho. Entretanto, essas mudanças não ocorreram no nível micropolítico, mantendo os modos de produção de subjetividades ainda atrelados ao modo-indivíduo.

Nas sociedades antigas, os termos individual e social não tinham o significado que alcançaram na modernidade. Para os gregos e os romanos havia uma indissociabilidade entre as dimensões individuais e sociais (Elias, apud Melo, 2004). Somente a partir do século XVII esses conceitos perdem o caráter genérico, levando à distinção do que era produzido individualmente e do que era produzido coletivamente. Com isso, no século XIX há certa consolidação de uma relação antagônica entre os termos indivíduo e sociedade, individual e coletivo (Melo, 2004).

Nesse processo, inserindo-se como intermediário da relação indivíduo-sociedade, foi-se construindo o objeto-grupo como uma maneira de atenuar a passagem dos

fenômenos individuais aos sociais. Entretanto, para Barros (2007), quando colocado como intermediário dessa relação, o grupo obedece à mesma lógica totalizadora e identitária desses dois termos, sendo efeito desse mesmo modo-indivíduo predominante.

O grupo surge, portanto, como objeto histórico de um desdobramento da mesma lógica antitética, respondendo às injunções do saber-poder [...] por um lado, o “indivíduo” que lhe garante a ideia de indiviso, particular e, por outro, a “sociedade” que lhe dá a ideia de todo, de universal. (Barros, 1995, p.148)

Teorias de grupo

Apesar de os grupos sempre existirem na sociedade, os saberes teórico-técnicos a respeito de sua conformação só começaram a aparecer no começo do século XX. Na psicologia social, os primeiros questionamentos sobre grupos ocorreram com o surgimento da psicossociologia (Andaló, 2006). O psicólogo Kurt Lewin (1890-1947) é considerado um dos precursores no trabalho com o tema. Muitas de suas ideias – “o grupo é mais do que a soma de suas partes”, “o grupo é uma realidade irreduzível aos indivíduos que o compõem” – estão ainda presentes em práticas grupálicas (Barros, 2009). Para Andaló (2006), uma contribuição importante de Lewin foi a diferenciação entre dois tipos de microgrupos: o sociogrupo (tem uma tarefa estruturada) e o psicogrupo (centrado em si mesmo e estruturado em função de seus membros). Esse autor também é responsável pela criação da dinâmica de grupo e pela pesquisa-ação (Barros, 2009).

O psicanalista Pichon-Rivière cria a técnica do grupo operativo, considerando que uma “equipe ou um conjunto de pessoas só se estrutura enquanto grupo quando estiver operando sobre uma tarefa” e que o que “está em jogo é o tipo de vínculo que se estabelece durante o processo de trabalho” (Barros, 2009, p.105). Portanto, ao de-

envolver a capacidade de resolver contradições dialéticas e situações conflitantes manifestadas no campo grupal a função desse tipo de grupo passa a ser aprender a pensar (Barros, 2009).

Para Pichon-Rivière (2005), há certos vetores que fazem parte do comportamento grupal, tais como afiliação (há identificação com o processo grupal, mas o sujeito guarda certa distância, sem se incluir totalmente no grupo), que se converte posteriormente em pertença (maior integração ao grupo), comunicação (pode ser verbal ou pré-verbal, levando em conta não só o conteúdo da mensagem, mas também a maneira como ela é transmitida e a quem se destina), aprendizagem (mudança qualitativa no grupo em termos de resolução de ansiedades, adaptação ativa à realidade, projetos, criatividade), cooperação (contribuição para a tarefa grupal) e pertinência (compromisso dos participantes com as tarefas). No grupo operativo, “o esclarecimento, a comunicação, a aprendizagem e a resolução de tarefas coincidem com a cura, criando-se assim um novo esquema referencial” (Pichon-Rivière, 2005, p.137).

Outras contribuições vêm de Jean-Paul Sartre, cuja ideia de grupo não remete apenas a uma reunião de pessoas, o que o filósofo chamaria de série ou serialidade. Para Sartre, o tipo mais puro de grupo seria o grupo em fusão, em que são estabelecidos objetivos comuns, em oposição à noção de série.

O grupo se constitui numa luta interminável contra a serialidade. Enquanto a série é a dispersão dos homens, massificação, o grupo, ao contrário, é totalização e só se constitui quando a necessidade individual é vista como comum. Ele gera a unificação das liberdades e, com ela, relações de reciprocidade. (Andaló, 2006, p.49)

O psiquiatra Moreno, ao observar efeitos terapêuticos em seus trabalhos com o teatro da espontaneidade, aproximou a arte dramática da psicoterapia e desenvolveu o psicodrama, cujos principais fatores terapêuticos são a catarse e

a dramatização de conflitos psicológicos. No campo da investigação social, criou a sociometria, cujo instrumento é o sociograma, questionário que traça as redes de relações entre as pessoas de um grupo e/ou organização. Investigou sobre as redes formais e informais de comunicação e os processos verbais e não verbais dessa rede, revelando hierarquias e sistemas de poder e dependência (Andaló, 2006). Interessou-se pelas relações de simpatia, antipatia e indiferença estabelecidas entre as pessoas (Barros, 2009).

Apesar das contribuições relevantes das teorias citadas, interessam-nos, para o presente trabalho, os conceitos desenvolvidos por Félix Guattari e Gilles Deleuze (Barros, 2006) e a abordagem apresentada por Barros (2009) ao pensar o grupo como dispositivo.

Produzindo novos processos de singularização

A análise de Guattari debruça-se sobre processos, sobre modos de funcionamento social, econômico, político e institucional, distanciando-se do foco nos indivíduos ou grupos (Barros, 2009). Dessa forma, para o autor, indivíduo e sociedade são igualmente atravessados por segmentações molares e moleculares, pois os elementos que existem em fluxos, estratos e agenciamentos podem se organizar de um modo ou de outro. A ordem molar corresponde às estratificações que delimitam objetos, sujeitos, representações e seus sistemas de referência. No molar, “a realidade está aprisionada em um álbum de família”. Já a ordem molecular é a dos fluxos, das transações de fases, das intensidades (Guattari e Rolnik, 2005, p.159).

Segundo Barros (2009), Guattari mostra, com esses conceitos, que os níveis macro e micropolítico coexistem, apontando para uma ruptura com o pensamento dicotômico.

Dessa forma, as separações e oposições estabelecidas entre indivíduo e sociedade perdem todo o sentido (Melo,

2003). A partir de sua experiência na clínica La Borde, Guattari formula os conceitos de grupo sujeitado e grupo sujeito. O primeiro representa a hierarquia, os estereótipos, a exclusão, a organização vertical, e opera por totalização, unificação, impedindo os cortes criativos. Já o grupo sujeito confronta-se com seu próprio limite, sua finitude, abrindo-se para os processos criativos de outros, e é suporte para diversos modos de expressão emergentes e diferentes enunciados (Barros, 2009).

Para Barros, o grupo pode ser a possibilidade de romper com a dicotomia indivíduo-social quando pensado como dispositivo de “desindividualização”. A autora utiliza a leitura que Deleuze faz de Foucault sobre esse conceito:

O dispositivo é uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objeto, o sujeito, a linguagem etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam umas das outras. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direção – e pode ser bifurcada, em forma de forquilha – está submetida a derivações. Os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores. (Deleuze, 1996, p.1)

Quando entendidos como processo, os grupos podem representar a resistência aos modos individualizantes, difundidos há tantos séculos, possibilitando a produção de outros modos de subjetivação. Onde havia unidade, encontra-se multiplicidade; onde havia homogeneidade, encontra-se heterogeneidade e, em vez de totalização, fragmentação (Barros, 2009).

Para Guattari, é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, ou seja, processos de singularização que podem resistir a todos os modos de manipulação e de controle. É necessário contestá-los para construir modos de sensibilidade, de relação com os outros, de produção e de criatividade que possam provocar uma subjetividade singu-

lar (Guattari e Rolnik, 2005). Nessa perspectiva, conforme Barros (2009), o grupo surge como recurso e relação social dinâmica, considerando que tanto as relações quanto a própria vida são heterogêneas e instáveis. Há uma dimensão coletiva que atravessa as diferentes fases da vida dos sujeitos, reconhecida no grupo.

O grupo não tem relação com a vida privada dos indivíduos que se reúnem em determinado espaço, por um certo tempo, para cumprir certos objetivos. Ele é (ou pode ser) um dispositivo quando trata de intensificar em cada fala, som, gesto, o que tais componentes acionam das instituições (sociais, históricas) e de como nelas constroem novas redes singulares de diferenciação. (Barros, 1995, p.154)

O dispositivo apresenta-se, portanto, como uma máquina capaz de fazer ver e fazer falar (Deleuze apud Barros, 2009). Não está relacionado à forma como as pessoas se organizam, mas sim, torna-se “catalisador existencial que poderá produzir focos mutantes de criação” (Barros, 1995, p.151). Ao romper com visões cristalizadas de formas de ser e existir, o dispositivo poderá produzir novos acontecimentos, novos processos de singularização.

O grupo dispositivo-máquina não busca relações de determinação estrutural entre os acontecimentos de ontem, hoje e amanhã. Sua relação com o tempo é da ordem da intensidade, do corte. Sua função de dispositivo cria flutuações e tensões que não almejam o equilíbrio, mas a invenção de bifurcações que deem passagem às rupturas operadas. [...] Há somente processo, devires. (Barros, 1995, p.153-4)

Devir, segundo o dicionário Aurélio, é tornar-se, vir a ser. Para Deleuze, o devir não é meramente uma transformação, uma passagem, mas é o próprio processo, ou seja, “uma zona de indiscernibilidade onde os termos implicados numa relação são arrastados pela própria relação que os une” (Menezes, 2006, p.66).

Na concepção deleuzeana, o devir está ligado à possibilidade de um processo de singularização:

O atual não é o que somos, mas aquilo em que nos vamos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer, o Outro, o nosso devir-outro. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: a parte da história e a parte do atual. A história é o arquivo, é o desenho do que somos e deixamos de ser, enquanto o atual é o esboço daquilo em que vamos nos tornando. (Deleuze, 1996, p.4)

QUAL SERÁ A MÚSICA?

A tarde está extremamente quente e algumas mulheres se abanam com o calendário ou com o que têm nas mãos. Jane, 75 anos, conta que se sentiu mal na noite anterior porque estava com indisposição estomacal. Demonstra medo pelo que ocorreu porque estava, naquele momento, sozinha em casa (mora com um dos filhos, mas ele não havia chegado). As mulheres comentam sobre a dificuldade de morar sozinhas nessa fase da vida e o quanto isso pode ser arriscado quando não há ninguém para ajudar. Há um clima de preocupação e de identificação com o problema vivenciado pela colega.

A atividade do dia foi decidida na sessão anterior, bem como as regras foram previamente definidas. Hoje a reunião começou com a brincadeira: “Qual é a música?”. As participantes escolhem a palavra-chave **amor** e o grupo é dividido em três. Elas têm dez minutos para lembrar o maior número de músicas que contenham a palavra escolhida. Os grupos formam-se rapidamente. As mulheres parecem bem concentradas na atividade e cochicham baixinho para que o grupo concorrente não ouça as músicas escolhidas. A brincadeira deixa o ambiente muito descontraído porque faz as par-

participantes lembrarem músicas antigas, da época da juventude, trazendo certa nostalgia, mas que vem acompanhada de diversão. Algumas cantaram baixinho canções que marcaram época.

Comentam de novelas na tentativa de lembrar as músicas que fizeram sucesso. Na hora do levantamento do que cada grupo havia conseguido produzir, a agitação foi unânime porque a cantoria tomou conta da sala. Algumas, mesmo sentadas, agitavam o corpo acompanhando a música, como Rosa,¹ 85 anos, que cantou quase todo o tempo.

A maioria é participativa, demonstrando, no decorrer da atividade, boa memória, disposição e alegria. A marchinha “Estrela d’alva” foi a que mais motivou as mulheres.

O grupo que perdeu o jogo faz uma brincadeira com os outros, justificando o “mau desempenho”: “É que o nosso grupo é mais jovem, somos mais novas, por isso apresentamos um número menor de músicas” – brinca uma das participantes.

1 Rosa, bastante vaidosa, adorava dançar e até os 84 anos gostava de ir a bailes. O bom humor era uma das suas características mais marcantes. Frequentou o Reviver até os últimos momentos de vida, falecendo em março de 2009, antes de realizar a entrevista que havia sido agendada com ela.

2

TRILHANDO O CAMINHO DA CRIAÇÃO-EXPERIMENTAÇÃO

Grupo Reviver: dez anos de história

O grupo de convivência Reviver¹ começou suas atividades em fevereiro de 1999, tendo como público-alvo original usuárias do serviço de saúde mental do Centro de Saúde Escola (CSE),² da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Botucatu, São Paulo.

A partir de uma necessidade apresentada pelas mulheres que faziam terapia em grupo no CSE, o Reviver foi criado com a proposta de ser um espaço que propiciasse saúde e lazer. Um dos grupos terapêuticos era composto por mulheres que apresentavam dificuldades de relacionamento conjugal; o outro, denominado terapia de adultos, era constituído por pessoas que apresentavam outras problemáticas, entre as quais a depressão.

1 Informações obtidas a partir da síntese dos seguintes materiais: entrevista com as duas coordenadoras do Reviver, entrevista com as cinco participantes do grupo, consulta às atas e anotações do caderno de campo.

2 Fundado em 1972, o CSE é responsável pela Atenção Primária à Saúde de cerca de 30 mil habitantes do município, oferecendo assistência a pessoas de todas as faixas etárias, atuando no controle e prevenção de doenças, ações de promoção da saúde, além de se dedicar ao ensino e à pesquisa.

Ao discutir a possibilidade de alta com as pacientes, com o objetivo de verificar se deveriam ou não continuar em tratamento, as terapeutas responsáveis perceberam certa resistência por parte delas em deixar os grupos menos por questões terapêuticas e mais porque se sentiam acolhidas. Elas haviam criado vínculos com os quais não queriam romper, e também se identificavam umas com as outras.

Quando tive alta da terapia no CSE [as] terapeutas sentaram com a gente e falaram: “Seria bom a gente não fazer só terapia”, “seria bom ter um grupo pra conversar”. [...] Daí, convidou eu e mais outras. Nós gostamos da ideia porque ninguém queria sair da terapia, porque era muito bom. [...] Saímos para arrumar um local. Daí, formamos o grupo. (Sonia)

As participantes desses grupos eram mulheres acima de 50 anos, com filhos já crescidos, a maioria dona de casa ou aposentada e com vínculos familiares bastante insatisfatórios o que, para uma das coordenadoras, foi um fator que contribuiu para que elas se unissem. Para resolver essa situação, as profissionais propuseram aos dois grupos que continuassem se encontrando fora do CSE, porque ali o objetivo terapêutico já havia sido alcançado. Entretanto, tal estratégia não foi planejada previamente, mas provocada pelas circunstâncias.

A gente aqui tem muita demanda por assistência e, infelizmente, não é possível você ficar planejando atividades fora deste âmbito. [...] Na verdade, a área de saúde mental não parou naquele momento pra discutir isso. Coincidiu que a gente estava passando por uma dificuldade em comum e, quando eu pensava em promoção, prevenção naquela época, eu pensava muito mais em termos de álcool e drogas [...]. (Coordenadora 1)

A proposta das terapeutas era criar um espaço de saúde em que as mulheres fossem estimuladas por atividades que melhorassem a sua qualidade de vida. O objetivo era se distanciar do foco na doença, como ocorre nos grupos terapêuticos. As mulheres aceitaram a ideia e foram em busca

de um local onde os encontros pudessem se realizar. A primeira reunião aconteceu em 24 de fevereiro de 1999, no Centro Paroquial de uma igreja católica, com a presença das terapeutas e das participantes. Já nesse primeiro momento, pelas mãos dessas mulheres, o perfil do grupo começou a ser definido:

Elas queriam fazer dança, ginástica, relaxamento – isso elas tinham bem claro –, e nada de trabalhos manuais. Então, essas duas coisas já ficaram definidas. (Coordenadora 1)

Foi muito interessante porque algumas pessoas, de imediato, mudaram [por] terem um espaço pra elas. Assim, de elas dizem: “Não! Quarta-feira não tem trabalho, quarta-feira não tem família, quarta-feira é o meu dia!”. (Coordenadora 2)

Ficou combinado, ainda, que todas seriam responsáveis pelo planejamento do que desejariam fazer. Nessas primeiras reuniões, o grupo não tinha um nome que o representasse. O termo Reviver só começou a ser usado a partir de 2 de junho de 1999 e foi escolhido pelas próprias participantes. Durante algumas sessões, as mulheres colocaram suas sugestões numa caixa. Foi realizada uma votação e, assim, escolhido o nome que acompanha o grupo até hoje.

Atualmente, é formado por cerca de 30 mulheres de idades variadas, a maioria acima de 50 anos – e mantém um perfil bastante heterogêneo, não sendo rígido em termos de critérios de acesso. As pessoas vão, experimentam e, se gostarem, ficam. A frequência varia, havendo períodos em que elas estão mais presentes e outros em que não, podendo haver de dez a cerca de 30 pessoas por sessão. Em alguns casos, algumas ficam três, quatro reuniões sem aparecer e, depois, podem ou não retomar o contato. Entre os anos de 1999, 2000 e 2002,³ cerca de 150 mulheres frequentaram o local.

3 Levantamento realizado pela pesquisadora a partir das atas do grupo Reviver.

Os encontros ocorrem às quartas-feiras, das 14h às 17h, numa sala cedida pela Associação dos Ferroviários Aposentados e Pensionistas da Estação Ferroviária de São Paulo. As atividades são suspensas durante as festas de fim de ano e as férias, sendo retomadas, geralmente, no final de janeiro.

No começo, as participantes eram encaminhadas exclusivamente pela área de saúde mental do CSE. Com isso, vinha o estigma de que o grupo era formado por mulheres que apresentavam algum transtorno mental.

Éramos poucas pessoas no começo, depois que foi aumentando. Quando vinha uma nova, quando procurava o grupo, o seu Gustavo⁴ falava assim: “Ah, o grupo de doença mental é lá no fundo” (risos, risos). Quando elas procuravam o grupo (risos), porque uma falava pra outra, foi começando a se agrupar (risos): “Aqui é doença mental?” [A gente dizia]: “Não, não é doença mental”. Todo mundo dava risada. E hoje, olha, quantas tem lá! [...] É muito bom estar lá. Todas elas gostam, lota de mulherada, mas agora não falam mais que é de doença mental (risos, risos). Aprenderam que não é. (Sonia)

No decorrer dos anos, ocorreu uma mudança na forma de acesso ao Reviver (e, com ela, uma mudança em relação à sua concepção):

O grupo rapidamente caminhou para um outro tipo. Não tinha mais as pessoas egressas do Centro de Saúde Escola, mas tinha as pessoas que os próprios membros do grupo vinham trazendo. Então era amiga, era comadre, conhecidas, era alguém que elas viam que estava com dificuldade de lidar com algumas coisas e elas próprias foram percebendo o quanto o grupo podia ajudar. (Coordenadora 2)

Eu gosto demais, demais! Recomendo [para] toda pessoa, amiga que eu conversar eu convido, eu recomendo. [...] Então, sempre que a pessoa conversa: “Ah, aconteceu isso...” Eu falo: “Vamos lá. Vai lá no Reviver”, “Vamos lá”. Às vezes, [a pessoa] não gosta. Na primeira vez, a pessoa fica meio assim: “Ah, não gostei”, mas depois que conhece [...]. (Rosangela)

4 Nome fictício. Presidente da Associação dos Ferroviários Aposentados, que cedeu uma sala para que acontecessem as reuniões do Reviver.

Essa desvinculação gradual do CSE como forma de acesso ao grupo também foi constatada em levantamento realizado em 2002. Segundo Carvalho (2002), cerca de 60% das participantes tiveram acesso ao grupo por meio da indicação de suas participantes. Quando questionadas sobre o motivo por que haviam ingressado no grupo, 53% alegaram ter sido por solidão e 21% por depressão. Oitenta e quatro por cento das entrevistadas afirmam, ainda, terem vivenciado melhoras na saúde no aspecto físico e emocional depois que começaram a frequentar o Reviver.

O grupo sempre teve uma coordenação. Apesar de as propostas serem discutidas com as mulheres e de as próprias participantes apresentarem sugestões, o Reviver depende da organização e planejamento da coordenação, ou seja, da figura “do coordenador”:⁵

A gente tem que fazer esse papel o tempo todo, de cuidar do grupo, de planejar, de sentar com elas, discutir. Elas fazem, trazem as propostas, mas a gente tem que puxar. Não tem ninguém que assuma a iniciativa de fazer isso. Por exemplo, semana que vem não vou poder ir, mas se a gente deixar planejada alguma atividade, elas até tocam, mas tem que deixar planejado pra elas. Se a gente não levar a proposta também vira um caos, porque o grupo é grande, heterogêneo, tem gente que está lá, tem gente chegando... Então, às vezes, é um pouco complicado você administrar tudo isso. (Coordenadora 1)

As coordenadoras já tentaram, em alguns momentos, trabalhar essa questão com as participantes, mas não como algo prioritário. Entretanto, o objetivo da coordenação, à época desta entrevista (2009), era estimular as mulheres a discutirem como o grupo poderia tornar-se mais autônomo:

5 Situação também observada pela pesquisadora.

Às vezes, a gente começa fazendo uma coisa bem organizadinha nesse sentido, mas a gente segue muito a necessidade do grupo. Então, nem sempre ele evolui nesse sentido. No ano passado, eu fiz [...] toda uma programação que a gente preparou. Elas acharam maravilhoso, mas vai embolando e a gente vai deixando [de lado]. Agora, a gente falou claramente isso na primeira reunião do ano: da importância de ficarem independentes, de conseguirem assumir, darem mais o rumo de fato que elas querem para o grupo. (Coordenadora 2)

Segundo essa coordenadora, há certa resistência em relação a isso por parte de muitas mulheres. Elas alegam que não querem ficar sem a presença das coordenadoras porque criaram vínculos e consideram que essas profissionais também são parte do grupo:

Elas [dizem]: “Olha, nós não queremos... Nós podemos até estudar... fazer alguma coisa, mas a gente não quer ficar sem vocês, porque vocês...” De fato, a gente não tem esse papel só de ir lá, com a pastinha, bem profissional. A gente vive coisas do grupo juntas. Isso acontece. Então, elas justificam por esse lado, mas eu acho que vai evoluir, bem lentamente, mas vai. (Coordenadora 2)

Faz também parte da minha rotina. Quarta-feira pra mim também é dia de grupo. Então, as outras atividades que eu pego, tudo que eu faço, quarta-feira à tarde eu não posso porque tem grupo. E gosto, gosto do contato com elas. Tem algumas pessoas com quem eu até divido mais coisas. É claro, tem outras que não, mas tem pessoas que eu sento, converso, sinto prazer. Eu me sinto ali oferecendo, mas [também] dividindo [...]. Por exemplo, a Rosa e a Jane.⁶ Se elas não vêm no grupo, durante a semana, eu dou uma fugidinha e passo na casa pra ver, porque eu acho que são duas pessoas que têm dificuldades, [que] têm os empecilhos. Então tem uma ligação grande. (Coordenadora 2)

Entretanto, segundo a Coordenadora 2, há momentos em que o grupo deixa transparecer que também gostaria de ser mais independente em relação às responsáveis:

6 Nomes fictícios.

Elas gostam muito que a gente esteja junto, mas de vez em quando eu acho que o grupo gosta de ficar sozinho também. Esse ano [2008], [...] coincidentemente a [Coordenadora 1] não ia estar aqui na festa de confraternização de final do ano. Eu tive um problema pessoal. [...] No outro dia tive que ficar em casa, não pude sair, por problema de saúde. Elas foram: “Ah, adoraram!”. Várias delas fizeram questão [de dizer]: “Foi a melhor festa, foi uma festa muito boa, foi maravilhosa”. Nós duas [as coordenadoras] somos, em alguns aspectos, acho que muito sérias. Então, a gente dá umas seguradas em algumas coisas e elas são assim (risos)... Elas mesmas se sentem mais à vontade pra falar as coisas [sem a gente], pra brincar, e várias vieram dizer isso: “Nossa, foi a melhor festa do grupo!”. É legal, né? (risos). Interessante. (Coordenadora 2)

Para a Coordenadora 1, as mulheres estão comprometidas umas com as outras no sentido de gostar de frequentar o grupo, de estar junto, de se divertir, mas falta compromisso das participantes em relação a assumir o grupo, ter responsabilidade em relação a ele. Uma das alternativas apontadas por essa profissional poderia ser transformar o grupo numa associação composta por uma diretoria, alguém que assumisse o papel de coordenadora, o que dependeria também de um espaço físico próprio. Na avaliação da Coordenadora 2, o grupo poderia ter um estatuto, para garantir mais recursos.

A dinâmica dos encontros do grupo mantém a mesma sequência, a mesma ordem dos eventos: as mulheres vão chegando aos poucos e ficam conversando com as colegas até começar. A secretária lê a ata da semana anterior e a coordenadora do grupo explica as atividades que serão desenvolvidas, variando a cada sessão.

Para a Coordenadora 2, há épocas em que o Reviver está mais forte, outras mais tranquilo, dependendo muito das características das pessoas que estão participando naquele momento. O grupo, entretanto, mantém uma grande regularidade.

Então, há épocas mais de estar elaborando coisas, de estar entendendo, de querer discutir assuntos um pouco mais... E há outra época de querer só festa, de querer só... (risos), que isso com muita frequência predominou, época de querer conversar, de querer... [estar mais junto]. (Coordenadora 2)

No final da sessão, elas discutem as tarefas da próxima semana, terminando a tarde com um lanche. Geralmente quem faz o café é uma senhora que está no Reviver desde a primeira reunião, e algumas participantes levam bolo, sanduíche. Essas mulheres encontram ali um local onde podem participar de atividades culturais e de lazer (passeios, festa de carnaval, Dia das Mães), fazem relaxamento, ouvem histórias, dançam e cantam. Outra atividade de que as participantes gostam muito são os passeios. É a primeira proposta que elas fazem quando estão discutindo atividades e, quando chega o dia, o ônibus fica lotado.

Os passeios que eu faço são com o grupo Reviver. Depois que eu comecei a frequentar ali, nossa, pra mim foi ótimo! [...] Puxa vida, uma coisa que eu não tinha, acabei tendo: que é o lazer, os passeios que a gente faz. [...] Como não tive isso, né? (Gládis)

Segundo as coordenadoras, as participantes gostam dessas atividades programadas, mas, ao mesmo tempo, precisam também ter aquele tempo para conversar:

Por que a gente tem que ter o tal do lanche? Por isso, por causa desse momento, porque elas precisam desse momento de troca, de se encontrarem. A gente sempre faz algumas atividades comuns, de que todo mundo participa. E o interessante do grupo é que tudo que você propõe elas topam, tudo! Qualquer coisa que você levar pra elas elas topam, e depois tem o momento em que elas precisam estar com elas mesmas: de troca, de encontro... (Coordenadora 1)

Então a gente não pode, eu acho que nunca esquecer disso no grupo: você pode trazer gente pra falar, você pode oferecer... A gente já teve época de fazer artesanato, nós fizemos oficina com caixas [...] [mas] elas querem ter um espaço para conversar. (Coordenadora 2)

Conforme as coordenadoras, nesses dez anos, houve uma mudança em relação ao público:

Quando a gente iniciou [a ideia] era oferecer uma atividade sadia pra ocupar essas pessoas que ficavam sem ter nenhum elo, vínculo de amigos. E hoje são pessoas que, às vezes, estão trabalhando ainda, que saem, vão mais tarde ou vão correndo porque têm trabalho, têm filhos ainda em casa, né? Então virou um grupo de convivência mesmo, como elas gostam de falar, um grupo de amigas que se apoiam, de elas sentirem que, se elas não estão legais, se têm algum problema, tem gente no grupo que, não somos nós obrigatoriamente, de jeito nenhum, está lá, que vai acolher, que vai conversar, que vai apoiar. (Coordenadora 2)

O grupo motivou [as mulheres] a fazer outras coisas, não ficar esperando a vida passar. Muitas acabaram tomando atitudes bem positivas diante da vida, uma outra postura, mais ativa. Tem pessoas que voltaram a trabalhar, que eram um pouco mais jovens que foram trabalhar, cuidar da vida depois do grupo e nunca mais precisaram voltar. (Coordenadora 1)

Tanto na avaliação das coordenadoras quanto das mulheres, é possível perceber benefícios físicos e psicológicos nas frequentadoras do grupo. Para a Coordenadora 1, a própria área de Saúde Mental do CSE também se beneficia pelo trabalho realizado no grupo:

Tem um lado positivo, da associação, da interação, melhora na qualidade de vida, das condições físicas e psicológicas. Isso é evidente. Pessoas que vinham muito na saúde mental. Essas pessoas não vêm mais, quer dizer, foi um espaço de continência pra essas pessoas que estavam com essas dificuldades. Para essas mulheres, para o serviço, de oferta mesmo, de possibilidades pra saúde mental. A gente passou por crises aqui na saúde mental, que se a gente não tivesse esses grupos! Se a gente não tivesse essas possibilidades de ações, a gente não teria condições de atender o tanto de gente que a gente atende aqui. [São] quase 500 casos novos [por ano], que chegam na triagem da saúde mental. E esses grupos de convivência continuam sendo uma boa vazão para dar atenção para essas pessoas. [Elas] tomam muito menos remédio. Acho que elas são muito mais felizes do que se estivessem só aqui tomando remédio, vindo uma vez a cada três meses no psiquiatra. (Coordenadora 1)

Para as coordenadoras, as mulheres criaram vínculos que vão além do grupo. Isso tanto se refere a atividades coletivas, em pequenos grupos, quanto à formação de vínculos de amizades:

Tem muitos passeios que elas planejam a partir deste grupo. Quando elas querem fazer compras em Bauru elas fazem, lotam um ônibus e vão, por conta delas. Ibitinga, Águas de São Pedro. Algumas coisas elas fazem a partir do grupo, por conta própria, a gente não participa. (Coordenadora 1)

A Rosa chega, ela guarda imediatamente a cadeira da Jane, né? (risos). E naquele espaço ninguém pode sentar. Se vai sentar: “Não. É da Jane”. E elas se pajeiam. É interessante porque uma cuida da outra. A Jane [...] é importantíssima nesse apoio [à Rosa] porque mora a um quarteirão de distância, porque é muito amiga e tudo, apesar das dificuldades físicas, tem a cabeça muito boa ainda, né? (Coordenadora 2)

Como o Reviver é um grupo bastante heterogêneo, três outros grupos formaram-se para atender a interesses diversos das participantes: oficina de artes, grupo de dança sênior e grupo de convivência Despertar. Os encontros de todos ocorrem semanalmente no mesmo espaço em que as mulheres se reúnem, mas em dias diferentes. Baseado nos moldes do Reviver, o grupo de convivência Despertar foi criado em 2003 para atender mulheres que frequentavam a Área de Saúde Mental do CSE e oferecer a elas algo mais do que o tratamento medicamentoso. Segundo a Coordenadora 1, o público do Despertar tem um perfil diferente do que frequenta o Reviver:

É questão de momento da vida, nem é de faixa etária. Elas já estão em outro momento, elas têm uma outra perspectiva de vida. Muitas vezes, chegam aqui, estão muito deprimidas, muito isoladas, muito sozinhas e precisam de um espaço mais protegido. Aí, a gente criou um grupo da terça-feira à tarde que é para as idosas que estão nesse momento. É um grupo mais dependente, que tem mais dificuldade de se colocar, de ter ideias criativas, que é diferente do Reviver.

Embora o Reviver tenha sido criado a partir de um serviço de saúde e de ainda estar vinculado a ele, essa experiência tem características bastante peculiares: o grupo foi fundado a partir dos interesses e necessidades das próprias usuárias e também não tem caráter terapêutico, mas, sim, de grupo de vivência que o configura.

Mesmo sendo uma atividade do Centro de Saúde Escola (CSE), a equipe considerou que as reuniões do grupo deveriam ocorrer fora desse local. A intenção foi romper com a ideia de tratamento, de cuidados de saúde e também se distanciar do espaço ali existente, mais centrado no trato com a doença. A criação do Reviver é pontuada tanto pelo papel desenvolvido pela instituição nesse processo – que percebeu e buscou um caminho para atender a essa demanda – quanto pela receptividade das mulheres em aceitar a proposta. Isso fica claro quando elas mesmas saem para procurar um local onde poderiam realizar as reuniões.

O peso da opinião das mulheres é uma característica marcante também em relação às propostas de atividades que serão desenvolvidas. Esse caráter participativo ainda é predominante no Reviver. Apesar de as coordenadoras levarem propostas da programação e estarem presentes, nada é impositivo e sugestões vão surgindo no decorrer das reuniões e, à medida que isso ocorre, as coordenadoras buscam atendê-las. Assim também foi, como já dissemos, com a escolha do nome do grupo, feita pelas mulheres a partir de uma votação. O nome Reviver expressa, provavelmente, o sentimento de muitas delas em relação ao grupo e ao que ele representa em sua vida: voltar à vida, renascer, renovar-se.

Esta autonomização está presente no Reviver desde o primeiro encontro. O grupo deu indícios de que essas mulheres não estavam ali para reproduzir a situação que já vivenciavam em casa, e sim em busca do rompimento com o estabelecido. O desejo de não fazer trabalhos

manuais remete à ideia de buscar algo novo, diferente do que se poderia pensar sobre um grupo de mulheres, a maioria dona de casa e cujo universo estava atrelado ao ambiente doméstico.

É possível perceber tanto na fala das coordenadoras como na das mulheres que o grupo traz benefícios para a saúde e o bem-estar das participantes, contribuindo para melhorar a qualidade de vida delas. Esse aspecto também tem reflexos positivos na área de saúde mental do CSE, considerando que muitas dessas mulheres não voltaram a fazer terapia ou se medicar.

Outro aspecto relevante é o caráter aberto tanto em relação ao acesso quanto à permanência no grupo. Não é necessário ser usuária do CSE, estar em tratamento ou mesmo ser da área de abrangência do serviço para participar. Também, não lhes é requerido o preenchimento de nenhum formulário, nem mesmo a apresentação de um documento pessoal. Elas também não são cobradas caso falem ou fiquem um período sem comparecer. Essa liberdade deixa as mulheres mais à vontade para circular pelo grupo, conforme seus interesses e necessidades, e também estimula que convidem outras a participar. Apesar de ser mantido pelo CSE, o serviço não controla o acesso ao Reviver, transferindo às mulheres essa decisão, que se baseia em critérios próprios, que normalmente passam por: perceber que a amiga está deprimida, sem amigos e que o grupo pode, de alguma forma, ajudá-la.

O grupo assumiu uma desinstitucionalização progressiva, certa autonomização que se pode perceber quando as mulheres fazem atividades que não dependem do grupo para ocorrer; mas, ao mesmo tempo, mantém ainda uma estrutura vinculada à instituição, o que viabiliza o local dos encontros e mantém as profissionais atuando no grupo.⁷

7 Cabe observar que, paradoxalmente, embora o espaço utilizado seja o de uma instituição de natureza comunitária, talvez sua desvinculação à instituição de saúde possa criar alguma dificuldade para a continuidade de uso do espaço.

Há certa dependência por parte das mulheres de alguém que pense o grupo, oriente as atividades. Ao mesmo tempo, percebe-se que um vínculo afetivo foi sendo construído entre as participantes e as coordenadoras.

3

AS MULHERES E SUAS VIDAS*

D. Sonia, 62 anos

Quando casei, vim morar aqui. Não tinha nem vizinho, nem água, nem nada. Pagava carroça pra vim trazer água pra gente. O carroceiro vinha trazer água com tambor. Sabe aqueles tambores grandes, de 200 litros? Aí, vinha e dava para semana. Foi difícil nosso começo de vida. Depois é que começaram a vir os vizinhos. Nós batalhamos bastante. Construímos tudo com o maior sacrifício. Mas agora tá tudo bem, graças a Deus! Ele trabalhando [...].

[...] Meu marido trabalha há 44 anos no mesmo [lugar]. Ele sai cedo e vai. Não fica sem trabalhar. Acho [que] se parar, ele descansa. Já tem freguês muito antigo. Ele começou quando a gente se conheceu. Ele tinha 38 e eu 16 (risos). Sabe, no começo da vida a gente ama demais. Quando eu conheci ele, eu me apaixonei sem ele falar uma palavra comigo. Então, trabalhamos juntos assim: eu lavava roupa, costurava, fazia faxina. Fiz muita faxina, costurei muito, lavei muita roupa pra fora. Sou aposentada como costureira. Batalhamos juntos. Eu colaborava bastante, embora com outros tipos de serviço. Depois compramos carro, ia buscar as roupas de carro, entregar as roupas.

* Foi preservada a oralidade na transcrição das entrevistas.

Só que eu não era como eu sou agora. Eu era mais tímida. Eu não conversava muito. Pra mim, tudo era mais difícil. Depois, com as terapias, que eu melhorei. Eu, como irmã mais velha,¹ sempre acatei muito. Sempre fui muito obediente. Sou até hoje muito obediente, muito correta. Mas já me libertei bastante daquelas coisas.

Eu tinha muitos problemas, porque a criação foi muito difícil. Minha mãe criou assim: tudo é pecado, tudo é errado. Não usar combinação não era errado, era pecado. Aniversário não existia. Minha mãe falava que não existia. Natal não existia. Era muito difícil mesmo. A gente não se sente muito bem com uma festa de aniversário. Até hoje eu não me sinto muito bem. Nenhum de nós teve festa de aniversário. Nem meus irmãos mais velhos, porque ela falava que isso não existia. Só tive festinha depois de casada, mas eu me sentia mal com aquilo porque era difícil aceitar uma coisa que não existia.

Só vou contar uma coisa que aconteceu: fui levar a minha mãe no posto de saúde. Ela estava mal demais... Ficou de pé na porta. Eu não sabia que aquele dia era o aniversário dela. Para alegrar minha mãe, a enfermeira perguntou se era o aniversário dela: “Então, a sua filha trouxe um bolo para a senhora”. Minha mãe respondeu: “Não, não trouxe. Ela não sabe que eu faço aniversário hoje”. Eu queria que aquele chão abrisse e eu entrasse naquele chão ali porque eu fiquei com vergonha daquilo.

Quando casei, eu trouxe todos esses problemas. A gente viveu bem difícil. Meu marido saiu da casa dos pais dele e morou pelo mundo. Ele aprendeu. Ele é tímido também, mas ele aprendeu a se libertar mais do que eu. A gente teve muitas dificuldades. A gente teve muita dificuldade de relacionamento, muita mesmo.

Quando a gente casou, meu marido fez eu jurar, por Deus, que eu nunca ia procurar ele, se eu não sabia o que

1 É a filha mais velha das mulheres.

era (risos)? Mas ele fez eu jurar que eu não ia procurá-lo porque era coisa de mulher de zona. Se eu nem sabia o que era isso (risos)? Mas tive que jurar. Se a gente nunca teve, é uma coisa, mas depois a gente tem acaba gostando. Se eu chegasse perto, ele rasgava as minhas camisolas, me pegava pelo pescoço, me jogava no chão. [Eu não podia procurá-lo, só] de vez em quando, quando ele queria. Não sei como que é isso. E também não quero saber. Já foi, já acabou. Nossa relação foi muito difícil, foi difícil, meu Deus do céu! Meu Deus do céu (alteração de voz)! Sofremos demais!

Mas eu não sabia o que era aquilo. Tive ajuda de médico pra depois saber que tinha que fazer terapia. O médico falava pra mim: “Eu posso ajudar até aqui, mais do que isso eu não posso ajudar”. Eu sofri bastante. A gente sofreu muito por causa disso. Como tínhamos problemas de relacionamento [...], chamaram meu marido na faculdade. Achavam que ele usava droga ou era alcoólatra. Perguntavam: “Ele bebe?”, “Não, ele não bebe”. “Ele usa droga?”, “Não, ele não usa”. Eles não sabiam o que era. Levou ele lá, conversou [com] o psiquiatra, tudo, mas não descobriram também.

Um dia a polícia veio pegar ele aqui em casa. O meu marido é um homem trabalhador, honesto, limpo o nome dele, mas ele [tem problemas psicológicos] (silêncio), mas eu não sabia. Fui na escola pegar o meu filho mais velho para a gente ir à delegacia. [...] Eu e o meu filho fomos buscá-lo lá. Ele entrou no carro, mas eu não abri a boca. Fiquei assim, né? Chegou aqui em casa, continuamos e a gente não conversou esse assunto. Por que, o que estava acontecendo [...]. Ele tinha que explicar, não tinha? Mas eu não perguntei. Eu sofri muito com isso, muito, muito, muito, muito, muito, muito. Isso foi bem antes de fazer terapia de todo o tipo.

Eu comecei a melhorar depois que fiz terapia na Unesp. A primeira vez foi antes do meu segundo filho nascer.

Ele nasceu em 1985. Foi bom porque o Antonio² apareceu e eu não sabia que estava tendo o Antonio. Ele apareceu assim... Foi muito bom aquela primeira terapia porque me ajudou a aceitar a gravidez. Eu não queria ter mais filhos. Eu achava que eles iriam sofrer como eu sofria daquela maneira. Eu bati muito no Carlos, meu filho mais velho. Eu batia pensando que eu queria que ele tivesse a minha mente. Eu queria que ele seguisse eu. Eu não sabia o que era aquilo, daquele lado.³ Eu queria que ele fosse como eu. Mas não era batendo que ele ia ser igual a eu. O Carlos sofreu muito. Depois que ele casou, perguntava pra mim por que eu batia nele. Eu dizia: “Porque sua mãe era tonta, meu filho, por que bater em você?”.

A terapia ajudou a passar por tudo isso, mostrou que não era pra fazer aquilo. Por que bater? Também fui pedir perdão para o meu pai. Aquela terapia também me ajudou nesse sentido. Eu tinha mágoa do meu pai. Eu amava meu pai, mas não conversava com ele. A minha mãe enchia a cabeça do meu pai. A gente usava uns pós de arroz, mas minha mãe fazia ele jogar fora. Ela que mandava meu pai fazer isso. Não era meu pai que ia pegar minhas coisas e jogar fora. Eu tinha muita mágoa. Saí de lá⁴ e fui pedir perdão para o meu pai. Daí, nosso relacionamento melhorou mil vezes.

Uma das minhas irmãs morreu de alcoolismo. Ela virou a cabeça. Ficou grávida muito cedo. Com 13 anos. Minha mãe fez um casamento. O marido não trabalhava. Minha irmã era muito trabalhadeira e foi pra aquela casa que não tinha comida, que não tinha leite para as crianças. Daí, minha irmã virou. Virou totalmente... bebida. A bebida matou minha irmã. Alcoolismo, *causa mortis* alcoolismo. Virou totalmente: homarada. Tudo que a gente aprendeu que era errado a minha irmã foi fazer. Então,

2 Filho mais novo.

3 Refere-se ao comportamento do marido.

4 Da terapia.

minha mãe criou os filhos dela. Esses netos mudaram minha mãe. A gente podia conversar todos os assuntos com a minha mãe porque aqueles netos mudaram ela. Ficou melhor pra nós que éramos filhos dela. A gente podia conversar todo o tipo de assunto com minha mãe, mas por causa daqueles netos que ela criou. Eles mudaram o jeito dela. Sabe como são os jovens. Mudou totalmente. Meu pai dava risada, minha mãe também. Mas sempre muito brava. Melhorou bastante a relação de todos nós por causa daquelas minhas sobrinhas que a minha mãe criou. Mas só que ficamos assim, com dificuldade, né?

Depois deu alta lá na terapia. Tive o Antonio. Foi difícil. Eu me fechei muito. Quase não saía pra conversar com os vizinhos. Não queria sair de casa. Complicou de verdade. Fui pra 130 quilos. Ficou um tempo que não queria sair de casa. Vinham as pessoas pra trazer roupa, mas eu fechava toda a casa. Eu não queria ver ninguém. Juntou muita coisa. Daí, fui procurar ajuda de novo. Uma médica perguntou se eu queria fazer terapia. Eu disse: “Claro que quero. Eu já fiz e foi bom”. Então, ela me encaminhou para a terapia no Centro de Saúde Escola (CSE).

Comecei a frequentar a terapia em grupo, mas eu não falava. Não falava tudo que acontecia porque eu tinha vergonha de falar. Aí, entrou uma outra com o mesmo problema.⁵ Quando ela entrou, estava tão aflita que começou a falar. Então eu falei também. Aí melhorou. Fiz dois anos de terapia. A terapeuta falou: “Você melhorou. Eu vou dar alta para você. Mas antes de eu dar alta, você vai conversar com o seu marido.⁶ Não brigue, não fale alto, peça explicação”.

Eu estava em pé perto do filtro e ele aqui (aponta para o local). “Você está vendo aquele tapete ali? Eu amei você

5 Dificuldade conjugal.

6 Do episódio até a terapia em grupo passaram-se cerca de vinte anos.

demais e você sabe disso. Escorreu aqui nesse chão. Acabou!”, eu falei pra ele. Ele ficou triste, claro. Eu não fiquei, não. Eu tô sossegada. Mas o difícil é o Antonio. Ele sofre com isso, né?

[...] Falei para [o meu marido]: “Eu não vou sair da nossa casa. Se você quiser sair, você sai. Só que você não é nada meu mais. Não. Não vou dormir mais na cama, tudo”. Ele falou que não ia sair também. “Então fica, né. Mas já sabe.” Não briguei, não xinguei, não fiz nada disso porque eu sabia que não era pra eu fazer. E a gente tá nessa até hoje. Ele não me maltrata, eu não maltrato ele. Ele aceitou e eu também. E pronto. Não sofro mais por causa disso. Tivemos alegrias, mas muito sofrimento também.

[...] Então, na faculdade, [a terapia] foi bom num sentido e no Centro de Saúde Escola melhorou em outro sentido: abriu a minha mente. Foi muito bom porque esclareceu tudo o que faltava, o que estava enrustido. [...] Meu filho mais velho, quando vê o pai, chora. Um homem de 42 anos chorando. Chora de vergonha. Daí, eu fico triste demais.

Isso dói um pouco ainda, mas não pra me atrapalhar. Já aprendi a separar bem. Mas já sofri muito por todo esse tipo de coisa. Foi muito difícil, mas tudo isso já passou, já foi.

Quando tive alta da terapia no CSE – porque tinha que dar alta, fazia muito tempo que estava todo mundo lá na terapia –, as terapeutas sentaram com a gente e falaram: seria bom a gente não fazer só terapia; seria bom ter um grupo pra conversar. [Elas] perguntaram o que a gente achava se tivesse um outro grupo de relacionamento. Daí, convidou eu e mais outras. Nós gostamos da ideia porque ninguém queria sair da terapia, porque era muito bom. Tudo que a gente ouvia ali... Esclareceu tudo o que faltava. Saímos para arrumar um local. Daí, formamos o grupo.

Conseguimos na igreja, mas não deu muito certo porque eles usavam o espaço para fazer coisas para a igreja: dia de missa, de pamonha, sabe aquelas coisas? O padre falou que

podia. Mas a gente se juntava, a gente conversava, dava risada e atrapalhava as pessoas. Daí, foram falar com o seu Gustavo.⁷ Tomamos conta [do lugar] e tem a semana toda lá. Então foi a Jane⁸... foram várias [mulheres]. Eu e a Jane, a gente é do começo. Ela veio para o grupo desde quando começou, mas ela não fazia terapia. Mas a gente não conversa sobre problemas no grupo, de quarta nem de sexta-feira.⁹ É outro tipo de conversa: é mais amizade, não para falar de problema. Cada uma fala seu assunto, dá risada. Uma conta uma coisa... outra conta outra... e quando vê já está na hora de ir embora. Foi assim que começou e agora tem tanta mulher no grupo. Foi ajuntando cada vez mais. Tudo isso ajuda muito, ajuda demais. Daí, não voltamos mais a fazer terapia, não. Aquelas pessoas que faziam não voltaram mais não. Eu não precisei mais: meus problemas melhoraram, resolveu tudo porque esclareceu tudo.

Éramos poucas pessoas no começo, depois que foi aumentando. Quando vinha uma nova, quando procurava o grupo, o seu Gustavo falava assim: “Ah, o grupo de doença mental é lá no fundo (risos, risos)”. Quando elas procuravam o grupo (risos), porque uma falava pra outra, foi começando a se agrupar (risos): “Aqui é doença mental?” [A gente dizia]: “Não, não é doença mental”. Todo mundo dava risada. E hoje, olha quantas tem lá! E foi muito bom! Tão sempre chegando novas. A gente convida várias pessoas. Aquelas que estão lá tem bastante que a gente convidou, que a gente falou sobre o grupo. Daí, foram chegando...

Quando não vou, ligam para saber o que aconteceu. Quando a gente falta, acha falta delas. Ficam telefonando, perguntando o que aconteceu. A gente tem todos os telefones. Uma liga pra outra. Se falta, ligam já: “Essa semana você tem que vir”. Tem pessoas lá que falavam: “Sonia, eu

7 Nome fictício. Presidente da Associação dos Ferroviários Aposentados, que cedeu uma sala para que acontecessem as reuniões do Reviver.

8 Não foi encaminhada pelo CSE.

9 Refere-se ao grupo de artesanato.

pensava que você era orgulhosa...” porque eu não conversava com as pessoas.¹⁰ E todas elas me querem bem e eu a elas. “Vocês são a minha família, segunda família.”

Gosto de ficar em casa, de ficar sossegada aqui, mas quando é dia do Reviver, eu vou. É muito bom estar lá. Todas elas gostam, lota de mulherada, mas agora não falam mais que é de doença mental (risos, risos). Aprenderam que não é. Não é uma amizade traiçoeira, são amigos de verdade, sabia? É bom tá junto com todo mundo. É só risada. Se não, a gente fica muito só. Quando tinha minha mãe, a gente se juntava muito na casa da minha mãe. Depois, faleceu todo mundo e os irmãos se esparramaram um pouco. Daí, se junta na quarta-feira e pronto. E é muito bom.

A gente se sente muito bem lá. Quando demora pra ir, a gente sente saudades. Quando tem férias, todo mundo chega: “Ai, que saudades!” (risos, risos). A gente fica, sim, com saudades de lá. A gente sente saudades até da sala. Mesmo elas estando, mesmo elas não estando,¹¹ [as mulheres] dão risada, conversam muito. Quando vê, passa a hora. É uma felicidade! Embora a gente converse outras coisas...

O relaxamento era tão bom, pena que acabou. Gosto muito do alongamento, das brincadeiras que as [coordenadoras] inventam. No começo, a gente acha ruim, mas depois embarca nas brincadeiras. É só risada. Quando tem passeios, lota o ônibus. Eu gosto porque é divertido... Junto com elas. Elas gostam de sair com a gente. Foi uma coisa muito boa que elas tiveram essa ideia de fazer o grupo. Sempre as mesmas coisas, mas eu não me importo. O importante é que a gente se reúne de quarta-feira lá.

No começo, chegava uma e outra que queria fazer crochê, e a Coordenadora 1 falou: “E se a gente formar outro grupo? Esse fica para conversa, passeios e [outro] dia para o artesanato. Quem quiser, vai”. Daí, formou o outro

10 Refere-se ao período anterior ao Reviver, quando era uma pessoa mais fechada.

11 Refere-se às coordenadoras do Reviver.

grupo, que é de sexta-feira. Só pra fazer artesanato. Então, saiu uma turma pra fazer artesanato. Ainda assim ficou bastante no grupo de quarta. Aí a gente vai de quarta e vai de sexta (risos, risos). Eu vou nos dois, mas no do artesanato eu não faço nenhuma atividade lá. Eu deixo para fazer em casa porque lá eu vou pra conversar: faço café, arrumo a mesa, lavo as coisas. Eu gosto de estar junto. Umhas pessoas evoluíram bastante. Cada uma foi fazer uma coisa. E outras não. Ficaram ali só.¹²

Todo ano a gente fica naquela preocupação: “E agora?”. Se [a gente] poderá usar aquele espaço ali. Não podemos ficar sem o grupo. Temos de batalhar por ele. Então, o seu Gustavo diz: “Vocês ficam sossegadas, mais um ano vocês ficam sossegadas”. Daí, estamos combinados. Se não, tem que sair pra procurar outro lugar. “Então mais um ano, que tá todo mundo sossegada.”

Eu participei também da dança sênior. Fui dançar no teatro com elas. Mas em 2007, eu caí. Inflamou os nervos, mas não quebrou nada. Daí, não podia fazer a dança, não fazia movimentos com o meu braço. Fiquei dois anos sem dançar. E também depois fui ser artista de teatro. A Coordenadora 1 passou o recado. Eu pensei: “Eu acho que eu vou”. Uma coisa pulou pra outra (risos, risos). Há dois anos participo do grupo de teatro. Eu e [outras colegas do Reviver]. A gente já evoluiu de novo. Apresentamos várias peças, eu fiz vários personagens. Viajamos... tudo certinho. Fiz “Estrela da Manhã”.

Foi maravilhoso! Nunca pensei que um dia eu faria isso. Tudo isso que aconteceu na minha vida... foi maravilhoso. O teatro me ajudou a me soltar mais ainda. Uma turma de gente muito legal. A primeira vez que me apresentei me deu uma suadeira (risos, risos). Depois, já não teve mais. O primeiro personagem foi o de uma freira. Fizemos a apresentação, no Centro Cultural, na Festa da

12 Ficaram só no Reviver e não foram participar de outros grupos.

Mandioca. Aquela vergonha toda. A Marina¹³ tem uma paciência... ensina tudo direitinho: a falar, a subir no palco. Ela mandou andar no meio das pessoas para desinibir. Só uma mocinha falou assim: “Essa não é freira de verdade (risos, risos)”. E daí eu dei risada porque eu não aguentei. Mas o resto, todo mundo acreditou (risos, risos). Mas eu estava bem apresentável. Consegui uma roupa de gala mesmo com a freira. Elas ficaram até assustadas de ver:¹⁴ aquela roupa que ela emprestou... chique, uma casimira, um tecido maravilhoso; o véu, todo chique! Quando criança queria ser freira, mas minha mãe não deixou. Fiquei feliz quando mandaram escolher o papel. “Eu quero ser a freira.” Eu fiquei feliz demais com aquilo. Ai, que chique! Eu fiquei feliz demais porque aquilo foi demais pra mim.

O teatro lotou! O Antonio e o Pedro¹⁵ já foram assistir. Elas também vão assistir no grupo de quarta-feira. Essa última peça não deu pra passar pra elas, porque era muito grande, mas outras peças menores dá para [apresentar para o Reviver]. Umas aceitam melhor e outras não querem nem saber. Agora, a gente tá de férias [do teatro]. Mas pretendo continuar, se Deus quiser. Quando ligarem, eu vou!

É incrível, mas a gente pensa que não consegue, mas a gente consegue. É uma coisa interessante de ficar pensando. Ela entrega o texto e a gente tem de decorar. A gente fica naquela aflição, mas chega na hora fala tudo o que tem de falar (risos, risos). É uma coisa... É uma magia! Olha quantas coisas realizei na minha vida. Embora umas coisas tristes, mas outras maravilhosas.

D. Gládis, 58 anos

Eu sempre fui mais reservada. Não fui assim uma menina tipo moleque. Gostava, sim, de brincar de bola, de

13 Nome fictício. Instrutora do grupo de teatro.

14 Refere-se às colegas.

15 Marido.

pular corda, inclusive eu falo pra Clara¹⁵ que minha mãe tinha 1,48 m, meu pai tinha um pouco mais do que isso e eu tenho 1,65 m. Eu acho que cresci de tanta corda que eu pulei, de tanta bola que eu brinquei nessa rua. Sempre gostei muito de esporte. Fui fazer o ginásio e lá eu jogava vôlei, basquete. Tinha dia que eu ia na escola de manhã, à tarde na educação física e, à noite, ia treinar vôlei ou basquete. Daí eu falo pra ela: “Eu acho que eu cresci bastante por causa do esporte”. Eu estudava na Industrial, ali na avenida. Naquela época, não tinha o viaduto. Tinha que ir pelo pontilhão. Então subia a avenida, que é uma boa subida. Três vezes por semana fazia esse percurso.

Eu fiz só o ginásio. Não que eu não pudesse continuar. Até meu pai falou pra mim: “Continua os estudos, faz um curso”. Mas eu já tava namorando há quatro anos. Acho que foi aí que faltou vontade de estudar, né? Eu não quis e acho que, por isso, também eu paguei um preço alto, acho que foi por isso que eu paguei um preço alto (choro).

[...] Eu comecei a namorar nova, com 14 anos, e casei com 20. [...] Casei no civil, na igreja. A gente tem aquela ilusão de vestir de noiva, essas coisas. Eu casei como manda o figurino. Meu pai deu uma festa. Foi até aqui em casa. Aquele tempo usava fazer festa em casa. E viajei pra Poços de Caldas: lua de mel. Inclusive meu marido tava falando pra minha filha que ele viajou com as minhas economias. Ele reformou a casa [e] gastou o dinheiro que tinha na reforma. Aí não sobrou dinheiro pra viagem (risos), mas eu tinha minhas economias. Eu fiz as cortinas da casa, comprei tapete, mas sobrou. Eu falei: “Vai dar pra viajar”. Ficamos uma semana lá, mas é aquela coisa: a gente tem uma ilusão e, quando viaja, parece que não é nada daquilo que a gente imaginava.

A gente idealiza uma coisa e, às vezes, chega na hora e não acontece da maneira que a gente idealizou. Então a

15 Filha mais nova.

gente volta meio decepcionada. Coisas mesmo de menina boba. Queria ficar num lugar bonito e tal [...] E eu estava também com uma tosse! Eu tinha pegado uma gripe! Às vezes, eu estava comendo [e] tinha que levantar da mesa pra ir tossir. Quando eu casei eu estava na semana fértil. Então eu falei: “Eu vou tomar uma cartela. Ah, depois eu paro”. Pensei que fosse assim, né? (risos). Nessa parada que eu engravidei. Três meses depois [de casada] eu engravidei. Aí já veio o primeiro filho [...] Eu casei em 1970 e ele nasceu em 1971. Aí, foi aquela vida de dona de casa, né?

Ele trabalhava [...], mas não ganhava muito. Demoramos até pra comprar o primeiro carro. Levamos uma vida assim: fome eu nunca passei (risos), mas sempre fizemos muita economia. Sempre fui uma pessoa econômica. Não fui de querer tudo que via. Comprava se dava pra comprar. Apesar que meu pai me deu a casa, não pagava aluguel. Não pagando o aluguel já era uma grande coisa! Morei nessa casa do lado [da] que era do meu pai. Depois que meu pai faleceu, ficou minha mãe sozinha. Ela se mudou pra casa do meu irmão e falou: “Preferia que você viesse morar aqui”. Eu nasci nesta casa. Quando eu vim morar aqui já tinha a Clara. Aqui era meu quarto de solteira e é o quarto dela agora também.

Eu nunca trabalhei fora. Sempre fiquei dentro de casa, cuidando da casa, dos três filhos. Antigamente parece que a gente era criada pra casar, ter filhos, ser dona de casa. [Meu marido] falou que não queria que eu ficasse fazendo desfile, que eu cuidasse dos filhos, que não pusesse em escolinha. Como eu não trabalhava fora, não tinha por quê. Então fiquei nessa. Quando as crianças estavam pequenas, o marido que ia fazer compra. Ele que pagava as contas porque as crianças eram pequenas e eu não podia. Não dava tempo. Você fica bitolada ali dentro de casa: você lava, passa, cozinha, cuida de criança, troca fralda, lava fralda. Assim não sobrava tempo pra nada. Ele que ia fazer compra. Eu não tinha tempo de fazer nenhum esporte. Nessa idade agora

que voltei a fazer esporte. Eu falo: “Não tinha tempo nem de pegar a criança e sair pra dar uma volta, pôr a criança no carrinho e dar uma volta na redondeza”. Não lembro de ter feito isso depois que eu casei.

Inclusive meu médico – eu me trato com homeopatia tem mais de 20 anos – falava: “Você tem lazer?”, “Eu não tenho.” “Você viaja?”; “Não viajo.” Eu fui fazer a primeira viagem com eles, a caçula já estava com seis anos e o mais velho foi um ano antes de ele prestar vestibular. O marido queria pintar a casa e o cheiro... E eu tive um problema asmático e tinha alergia a cheiros. Então ele falou: “Você vai pra praia, você vai pro apartamento [do seu irmão] e eu pinto a casa”. Viajei com os três. Só eu e as crianças e ele ficou. Sempre foi assim: viajar, unir a família e viajar nunca, nunca (silêncio, choro). Sinto falta (silêncio, choro).

Meu marido não gosta de viajar. Fui agora [visitar] minha netinha [que nasceu]. Ele não foi. Ele ficou: “Tão roubando muita casa por aí, eu vou ficar!”. Mas não é. Ele não gosta de viajar. Eu falo pra ele: “Puxa vida! Nasceu a netinha! Meu filho queria que todo mundo fosse lá. Tirar foto, o vô, a vó. Tudo junto”. Mas não consegui fazer a cabeça dele. E se começasse a insistir ele ficava nervoso, ficava bravo. Aí eu desisto. Eu começo a insistir, insistir, quando eu vejo que ele fica bravo eu desisto! Então, eu vejo que não dá mesmo. Meu marido também não gosta de festa. Casou uma amiga minha há poucos dias. Ela era viúva e casou com esse meu primo que foi o primeiro namorado dela e, no fim, se encontraram. O destino fez com que eles se encontrassem de novo. Eu fui com a minha filha no casamento e ele não quis [ir].

Eu acho que a criação dele foi essa. Ele foi muito batalhador, que nem eu falo, marido honesto, trabalhador, fiel, mas acho que alguma coisa, alguma coisa a pessoa tem... Como ele não gosta, fazer o quê? Então essa parte aí... Nem tudo é perfeito! Eu falo sempre que isso deixou

a desejar. Eu vejo aí: famílias, marido, mulher e filhos vão viajar juntos. Também a gente não pode querer ter tudo. Apesar que minha mãe e meu pai eram assim. Meu pai gostava de passear, de viajar. E minha mãe não gostava. Então falo que meu marido parece muito mais com minha mãe do que eu com ela.

Os passeios que eu faço são com o grupo Reviver. Depois que eu comecei a frequentar ali, nossa, pra mim foi ótimo! Foi muito bom por causa disso. Depois que comecei a frequentar o Reviver eu falei: “Puxa vida, uma coisa que eu não tinha, acabei tendo: que é o lazer, os passeios que a gente faz”. Só mulher. Não tem a presença de homem, nada. Então, a gente se sente bem. “Como não tive isso, né?”

Quando eu entrei no grupo eu estava com depressão (silêncio e choro). Ah, não sei se eu vou conseguir falar, porque já dá nervoso (choro).¹⁶ Eu sou muito chorona, muito emotiva. Não precisa muito, só eu falar alguma coisa parece que já vem o nó na garganta, e a vontade de chorar... Então, a crise de depressão... Foi... Eu acho que foi junto com a menopausa. Foram uns problemas financeiros (choro). Acredito que foi isso que acarretou a depressão. Meu segundo filho foi fazer [vestibular] em [outra cidade]. Foi prestar nas duas: na [universidade estadual] e a outra que é particular. Ele não passou na estadual e falou se dava para manter ele na particular. Eu e meu marido conversamos. Eu falei: “Será que dá pra manter ele lá? Vai ser difícil! Vai ser apertado!”. Não foi fácil, por isso que [meu marido] trabalhou até o ano passado, porque o que ele ganhava aqui, em torno de mil reais, ia tudo pra lá. Recebia pra mandar pra lá. As coisas começaram a ficar difíceis pra mim (choro), problema financeiro... essas coisas. Nós tínhamos em mente estudar os filhos e você já viu pobre querer estudar filho?

16 Durante a entrevista, a Gládis não quis, de início, falar sobre esse assunto. Aos poucos, ela começou a contar e sua fala foi sempre marcada por momentos de choro.

Eu sempre que lidei com a parte de pagar as contas, administrativa e tal. E eu não suportava a ideia de não ter. Eu nunca, nunca fiquei sem pagar uma conta de água, uma conta de luz, nunca me lembro de ter ficado sem pagar, mas eu deixava outras coisas, de comprar outras coisas. Acho que fui tendo dificuldade pra lidar... Acho que foi isso que... Sempre conseguimos saldar todos os nossos compromissos. Mas muito sacrificado, tudo. Nossa! Sempre fui muito bitolada. Não sei se foi de mãe, de criação, não sei se foi isso que eu nunca deixei de pagar uma conta. Eu achava um absurdo não ter o dinheiro pra pagar conta. Então eu me descabelava. Acho que por causa disso eu sofria.

Não é que eu culpe ele, mas eu acho que a maior parte de culpa foi de ele ter ido fazer faculdade lá. Eu acho que não tinha condições, e eu com meu marido: “Vamos tentar, né?”. Depois que tá no meio do caminho a gente não quer voltar. Que nem eu falei: “O que ele gastou aquele primeiro ano lá daria pra comprar um carro zero!”. Então, a gente fica, sei lá, chateada por um lado, mas querendo que o filho estude.

Esse meu filho, ele gostava muito de música e tinha uma banda aqui. Ele queria fazer música, meu marido não deixou. Então era uma briga os dois, sabe? Eles não se entendiam. Então isso mexia muito comigo. Tudo isso pesou e eu acredito que foi junto com a fase da menopausa, que eu entrei em menopausa com 49 anos. Juntou essa fase difícil. Por isso, acho que deu a depressão.

Quando me atacou mesmo a crise forte, eu fiquei de cama quinze dias. Queria morrer. Nem vontade de tomar banho eu tinha. Sabe (choro) quando você quer morrer? E tem medo de morrer? Cheguei a pensar em tomar [remédio] pra abreviar... A médica receitou esse remédio, fluoxetina. No começo não adiantava, eu queria morrer. Não tava fazendo efeito. Aí o médico lá da Unesp trocou o remédio e esse outro remédio foi pior ainda. Eu tomei um

comprimido e olha que eu converso com gente que toma esse remédio e disse que se sente bem, mas eu tomei um comprimido e passei mal pra dedéu... deu um revertério. Se o vidro de remédio tivesse na cabeceira, eu acho que eu teria tomado... Sorte que tava em cima da copa e, quando me veio na mente tomar o vidro todo, eu não quis levantar. Aí eu não sei se eu me apeguei com Deus... o que me ajudou a sair daquela situação, mas que eu pensei, eu pensei em tomar o vidro todo. Um comprimido me fez isso! Então vou acabar de uma vez.

Pensei que eu não fosse sair dessa. Até confessar com o padre eu confessei (risos): “Padre, é pecado querer morrer? Dar um fim na vida?”. Ele falou: “Isso não é pecado, a mente tá doente”. Inclusive teve um homem que se matou [...] nessa época que eu tava com depressão. Ele frequentava a igreja lá. Aí eu falei: “Só quem passou por um momento de depressão sabe o que é tentar cruzar [para] a outra vida”.

Eu também tinha medo de ficar sozinha. Inclusive minha filha foi pra praia com uma amiga dela que mudou pro Guarujá. Ela já foi uns dois ou três anos passar umas férias lá com ela. Eu tava fazendo terapia nessa época e eu comentei lá no grupo que me deu um medo de ficar sozinha. Ele tava trabalhando. Ele saía de manhã pra trabalhar e, quando eu acordei de manhã que eu lembrei que ele não tava (risos), aquilo me deu um medo de ficar sozinha. Eu levantei, aprontei café, tomei café e fui fazer caminhada, de medo de ficar sozinha.

Fiz um ano de terapia [no Centro de Saúde Escola] e me ajudou muito. Daí a psicóloga me encaminhou para o Reviver e eu fui. Uma amiga também tinha falado do grupo, por que eu não ia e tal. Daí quando a psicóloga me encaminhou, eu fui. Eu tomei antidepressivo durante um ano. Aí a médica falou: “Vamos parar?”. E suspendeu. Dali seis meses voltou a depressão, mas aí eu já estava lá no grupo. Já não deu tão forte. Quando voltou

a depressão eu já estava lá. Parece que não deu tão forte. Então parece que eu já consegui... E voltei com remédio também. Tomei até o ano passado. Faz uns seis meses que eu tô sem o antidepressivo e, cada vez mais, eu consigo ficar sem tomar o remédio.

Agora que eu penso assim: “Eu não quero voltar a tomar antidepressivo”. Então, eu tô tentando dominar os medos que eu tenho, que eu não quero voltar a tomar antidepressivo. Muito ruim. Agora só com remédio de homeopatia eu tô conseguindo levar numa boa. Na semana passada, a Coordenadora 2 leu um livro lá [no Reviver] do Manoel Carlos que fala da felicidade. Fala da pessoa que não é completamente feliz, porque, quando ela é feliz, ela já tá com medo do que vai acontecer de ruim. Então ela deixa de ser feliz por causa disso. Pensando mais ou menos por aí que eu tento dominar os pensamentos ruins, os pensamentos negativos.

Uma das melhores coisas que aconteceram comigo foi entrar no grupo Reviver (pausa e choro) porque... sei lá, lá a gente vai, a gente conversa. A cada semana tem uma atividade. Me escolheram pra secretária. Eu não queria aceitar. A Coordenadora 1 falou comigo e eu acabei aceitando. Também foi uma coisa boa pra mim. Até eu tava comentando com a minha filha. Já não tava nem escrevendo muito mais e voltei a escrever. A mão da gente parece que já fica mais, né? Pra escrever tudo, as memórias, as palavras, as coisas vão clareando na mente da gente. No ano passado, eu já queria deixar, mas a Coordenadora 2 falou: “Fica mais um ano”. Nessas últimas reuniões, nós decidimos que, a cada semana, uma vai ser secretária. Então, eu já não tô assim sendo o tempo todo. Cada semana é uma que faz a ata, que escreve. Eu falo que uma das coisas boas lá, que tem lá, são as atividades pra memória. Uma das coisas que eu preciso, que eu acho que eu preciso. Exercita a memória, tem alongamento que a gente faz. Tudo lá é gostoso.

Hoje à noite nós vamos sair para comemorar lá no grupo Reviver. Nós vamos numa pizzaria [...]. A gente vai comemorar o Dia Internacional da Mulher. Era pra ter sido na semana passada. No fim, algumas não iam poder. Então deixamos pra hoje. No ano passado, nós já fomos também. Hoje nós passamos¹⁷ ali perto da [pizzaria] e [eu] falei: “Oh, nós vamos nos encontrar aqui pra vim nessa pizzaria aí, tudo bem? Não tem problema? Vou arrumar uma carona aí com uma amiga que mora aqui nessa rua também”. O problema é sair com o carro. Eu não saindo com o carro acho que não tem problema. É que [meu marido] não gosta muito [que eu saia]. Passei uma fase difícil, então ele sabe que aquela fase lá passou e se voltar vai ser pior. Não sei se é por causa disso, que ele, ele não gosta muito [que eu vá no Reviver], mas não... [diz nada].

Teve uma época que minha filha começou a tocar na igreja e me convidaram pra ser catequista. Eu fiquei cinco anos no encontro de catequese. Tinha reuniões à noite e ele não gostava. Até que ele começou a pegar no meu pé, brigar e eu acabei deixando de ir. Porque eu tinha que sair à noite, sair sozinha de carro. Eu, pra não discutir – que minha filha também ficava presenciando a gente discutir –, abri mão disso aí numa boa porque coisas que eu posso sair, que nem hoje à noite [eu não abro mão]:¹⁸ já convidei minha filha pra sair. Ela falou: “Não. É tudo pessoas de outra idade. Então eu não quero ir”. Então não insisto. Como não vai muito homem também, não insisto pra ele ir junto desde que eu possa ir... (risos). Desde que eu possa ir não tem problema (risos).

Quando deixei a catequese eu falei: “Bom, vou ficar só na companhia [da minha filha]”, porque a gente participa lá da igreja e ela toca na missa de domingo, das 9h. A gente tem uma equipe de canto lá. Então eu fiquei

17 Ela e o marido.

18 Refere-se ao passeio com o grupo Reviver na pizzaria.

só participando da equipe de canto. Ela toca, eu canto, umas amigas cantam. No começo, tremia que nem [não] sei o quê pra cantar no microfone, tremia... (risos). Aí fui dominando o medo, dominando, dominando. Hoje já encaro melhor. Eu gosto, eu gosto. É uma coisa boa. Minha filha, às vezes, monta o teclado aqui na sala, a gente ensaia. O grupo Reviver e a igreja têm me ajudado bastante, bastante mesmo. Também eu vou na hidroginástica. A gente relaxa bastante. Venci o medo da água também.

Aqui em casa eu falo assim: “Eu reservei a quarta-feira pra mim”. De manhã, eu vou na hidroginástica e, à tarde, eu vou no Reviver. Nesse dia, eu faço o mínimo aqui em casa. Então, eu falo que de semana eu cuido do corpo e de domingo eu vou cuidar da alma (risos). De quarta e sexta eu faço hidroginástica e nos outros dias eu alterno com caminhada.

Quando ele ainda tava trabalhando, eu arrumava uma parte da cozinha (ele chegava às 13h30min pra almoçar), eu falava: “Oh, tô saindo lá pro Reviver”. Metade da cozinha eu arrumava e metade sem arrumar, mas eu ia. Só de passar aquela tarde lá com as amigas, conversando... Agora que souberam que eu ia ser avó, nossa, não teve quem não perguntou da netinha. Então, é aquela coisa de ser bem recebida. Você chega lá e é bem recebida. Conversa... conta coisas, é tudo! Que nem ontem teve a palestra sobre o rim. Quer dizer, as palestras são boas, os passeios. Tem dia até que a gente não tá disposta a ir, mas a gente vai e depois... nossa! Eu sou assídua lá, dificilmente eu falto. Até quando a Coordenadora 1 me convidou pra ser secretária uma das coisas acho que foi isso: eu não falto. Eu falo: “Quando tem uma coisa tem que levar a sério!”. Pra dar resultado tem que levar a sério. E eu levei muito a sério aquilo lá. Então eu acho que foi isso que me ajudou bastante.

D. Jane, 74 anos

Eu nasci em Santo Anastácio, mas com 1 aninho eu já fui pra Assis. Eu fui criada até 12 anos em Assis. Depois meu pai era ferroviário, da carreira, e veio removido e eu vim pra cá. Então a minha juventude, a minha mocidade foi aqui em Botucatu (risos). Eu me sinto botucatuense, sabe? Tenho a impressão que eu nasci aqui porque eu gosto demais daqui. Fui criada aqui. Eu estudei um pouco. Era o primeiro normal que falava. Agora é colegial. Naquele tempo, tinha o primeiro normal, o segundo e o terceiro, né? Eu não pude terminar os estudos porque eu vim de uma escola um pouquinho fraca. Eu não alcançava muito a matemática daqui e o professor era ali em cima (risos) e, naquele tempo, tinha aqueles exames orais. Ficavam três professores de um lado e quatro do outro, e ele falava pra mim: “Moça, a sua Matemática é fraca, hein?”. Eu era boa em tudo, português, em história, nossa, história eu tirava sempre as primeiras notas, português sempre, porque desde menininha eu lia. Eu sempre gostei de ler histórias. Eu nunca fiquei sem um livro na minha vida, mas na matemática eu sofria e eu fiquei com medo de entrar em exame. Eu falei: “Ah, ele não vai deixar eu passar”. Então, por isso, eu não me formei.

Já que eu não estudava, eu fazia trabalhos manuais, eu bordava muito. Eu sentava na beira do rádio, que aquele tempo era a Rádio Nacional (risos), e escutando os programas da rádio eu bordava. Fiz quase que o meu enxoval (risos) bordado por mim. Então, minha juventude foi assim: comecei a namorar com 17 anos, com 21 eu me casei, e... pronto, a vida correu assim. Depois foi a criação dos filhos. E eu pensava: “Vocês vão estudar. Eu não me formei, mas vocês vão se formar”. E eles nunca me deram trabalho na escola. Foram mesmo que é uma beleza! Os dois se formaram e a vida foi assim.

O meu marido era um gênio meio fechado, mas comigo, nossa, como ele conversava. Tudo o que se passava lá no serviço, tudo no ambiente lá deles ele me contava. Ele era fechado, não era de sair muito, não gostava de passear, não gostava de festa. Mas vivemos muito bem. Vinte anos eu fiquei casada.

Naquela época, eu não tinha nem tempo de sentir falta de sair, de passear, porque o meu pai era muito doente, e ele sofria um reumatismo muito bravo, então ele era na cama só, sabe? Da gente ter que trocar, de dar banho na cama. Então, ele sofreu muito mesmo, e eu com duas crianças pequenas, marido com hora certa pra trabalhar, não dava tempo de sentir falta de passear, não, não dava mesmo. Olha lá (risos) a missa de domingo quando podia ir, né?

Quando eu fiquei viúva foi uma época difícil, porque nessa época eu tinha um [comércio]. “Já que não vou lecionar, alguma coisa tenho que fazer.” Então, eu montei [uma lojinha]: colocava botão, vendia rendas, enfeite. A minha vida era uma correria, uma loucura. E fiquei viúva com os filhos ainda dentro de casa. O mais velho tinha 18 e o mais novo, 16. E eu tinha 40 anos.

Eu sempre tive amigas. Então amizade a gente tinha. Eu também era vicentina. Então, sempre que tinha uma assembleia vicentina, se meu pai tava bonzinho, eu ia. Dependendo da saúde dele eu ia. Mas nunca fui sozinha, viu? Se eu falar pra você de queixa de solidão não sei o que é. Eu, até agora, não sei o que é isso na minha vida (risos). A minha vida sempre foi cheia. Sempre foi cheia de serviço, de preocupação, né? Corre levar pra médico e traz pra médico e vai na farmácia e traz farmacêutico. Então, a minha vida foi assim. O meu filho do meio – este é o caçula (refere-se ao filho que está no sofá) – fala assim: “Nossa, não quero nem lembrar aquele tempo, mãe. Aquilo lá não era vida. Era uma loucura”, porque eu corria muito. Então a vida foi assim cheia, tanto é que,

depois que eu fiquei viúva, minha mãe veio pra cá. Meu pai já tava bem no fim da vida. Cuidamos dele eu e ela. Fizemos o enterro dele. Daí ela falou: “Ah, eu não vou mais lá pra... (minha irmã tinha uns problemas e ela ficava mais lá do que aqui). Eu não vou mais. Eu vou agora ficar aqui e ajudar você”.

Nós fazíamos roupinha pra vender [na lojinha], sabe? Eu ia na cidade, comprava panos, panos de blusa, panos pra roupa de criança. Ela era uma costureira muito fina, nossa, minha mãe era uma modista. Ela então fazia as roupinhas. Vestidinho de criança, ela numa máquina, eu na outra, à noite, e a gente costurava, quer dizer que (risos) a minha vida era ocupada. Muito ocupada. Em 1994, eu [me] aposentei por idade, pra cuidar da minha mãe, porque eu achava que ela era muito sozinha aqui dentro de casa. [...] Meu irmão dizia: “Você já pode aposentar, se você quiser”. Ele era contador. Fez umas contas aí pra mim. “Se você quiser aposentar, dá bem pra você viver com a sua aposentadoria, e você tem mais sossego.” Porque eu corria. Com ela para o hospital, com tudo, e aplicava insulina. Eu falei pra ela: “Olha, mãe, na semana que vem em diante, nós vamos tomar café juntas, vamos almoçar juntas”. Tinha dia que nem almoçar juntas não podia. Na hora do almoço alguém vinha me chamar e eu tinha que abrir a loja. Era um tempo...

Ela falou: “Ah, não vejo a hora que isso aconteça”.

Daí, então pedi aposentadoria. Veio numa semana, mas dali quinze dias ela morreu. Fiquei pouco fazendo companhia pra ela. É... a vida aplica uns golpes na gente (risos). Eu acho que é pra testar a paciência da gente, mas não me queixo, não, da vida.

[A minha mãe] ficou vinte anos aqui comigo. Ficou doente, morreu. Mesmo assim ainda tinha um filho pra casar, né? E ele trabalhava, tinha hora certa pra vir, pra ir pro serviço, roupa e tal. A gente sempre cuidando. Ainda levei assim. Daí, de repente, passaram os seis meses e era

o dia do casamento dele. Ele casou, tudo bem. A gente tudo contente, tudo feliz. Ele se casou. Eu já tinha o Marcelo também. Daí, eu falava: “Agora, vou ficar só eu e o Marcelo aqui dentro de casa”. Mas ele também sempre faz alguma coisinha, ajuda um ou ajuda outro. Tá sempre ocupado.

E eu comecei a me sentir assim: de repente parece que eu não tinha mais serviço (silêncio). Corri tanto na vida, batalhei tanto e, de repente, cessou. “Meu Deus, eu preciso fazer alguma coisa.” Daí, me encontrei com um amigo que trabalhava ali nos aposentados da Fepasa e ele falou: “Você já ouviu falar naquele clubinho ali que a turma do hospital fundou? Você já ouviu falar?”, “Não, não tô nem sabendo disso.”, “Ah, faz só uns vinte dias que está funcionando.”, “Mas o que faz?”, “Ah, elas batem papo, trocam receitas, se uma sabe fazer um pontinho de crochê ensina pra outra. Na semana passada, elas iam fazer bandejas de jornal, enrolar os canudinhos tudo e fazer bandejas. Você não quer ir lá conhecer o clube?”, “Ah, eu vou pensar. É tão pertinho. É provável que eu vá lá conhecer”.

Assim mesmo ainda deixei. Passou o mês de fevereiro, porque lá foi fundado em fevereiro, eu dizia: “Será que eu vou? Acho que é perda de tempo, tá saindo de casa, não? O que eu vou fazer lá?”. Mas convidei uma outra amiga que tinha aqui: “Vamos lá conhecer esse clubinho?”. Ela disse: “Mas nós não fomos convidadas?”. Eu falei: “O João¹⁹ disse que é aberto. Tem até um cartazinho lá. É pra ir quem quer. Ele convidou, ele mandou a gente ir lá pra ver”. Então fomos. Chegamos assim: “Puxa vida, não? Como será?”. Nossa, quando viram nós: “Oi! Boa tarde! Entra!”. Parecia que a gente já era amiga de anos. Então, daquele dia em diante, eu não perdi mais o clubinho, me senti muito bem lá. A gente

19 Nome fictício.

contou partes da vida da gente. Era assim um bate-papo muito gostoso. E esse clubinho foi aumentando, aumentou tanto que precisou repartir a parte do artesanato num dia e o do clube no outro dia (risos), porque daí não comportava mais tudo num dia só. Então, eu comecei a frequentar o Reviver e olha, foi uma coisa muito importante na minha vida.

Eu tinha aquela mania antiga de que lugar de mulher era dentro de casa, você entende? Tanto é que eu pensei pra ir. Falei: “Ai meu Deus, perder tempo atrás de clubinho? Isso aí não dá nada. Isso aí é pra quem não quer fazer nada. Se eu ficar aqui, se eu ler um livro, ou se eu fizer um bordado ou alguma coisa acho que eu lucro mais”. A minha opinião era essa, que era perder tempo, que era bobagem. Daí, fui e eu convivi com pessoas maravilhosas. Tirou esse, esse recalque que eu tinha, que lugar de mulher é dentro de casa. Que é isso? Nós estamos aqui pra viver, pra compartilhar a vida, pra conversar uma com a outra, não é verdade? Daí que eu fiquei vendo que eu estava bem errada de pensar assim. A gente tem mesmo que frequentar um lugar assim, ter amigas, bater papo. Às vezes, até uma mágoa que você conta, aquilo sai, desaparece. Então, é um clube que ambienta a gente. Tira você da sua frustração, do seu recalque. Além disso, depois começamos a inventar os passeiozinhos. Sítio de uma, sítio de outra, e a Coordenadora 1 arrumava condução. Fomos em Rubião.²⁰ Lá no bosque de Rubião. Eu gosto porque é um passeio feito durante o dia. A gente vai, volta. À tarde já tá em casa. A gente se agrupa. Cada uma leva um pratinho diferente. Então, é um ambiente gostoso.

Eu sempre, sempre gostei de escrever e ler. Então, sempre eu procurei também levar uma mensagem escrita [para o grupo], ler alguma coisa, contar alguma

20 Refere-se a um bairro.

história (risos). O grupo desinibe a gente, porque a gente, não sei se é um pouco retraída, um pouco envergonhada de falar na frente de outro, ou de declamar uma poesia. Imagine [que] eu nunca tinha feito isso na minha vida! Foi com o grupo Reviver. Eu vi isso não só em mim, mas em outras pessoas, que entraram ali tímidas, retraídas e hoje elas falam, hoje elas cantam, dançam. Então eu acho que o clube ajuda muito o eu da pessoa. A gente tira um pouco as ideias velhas da cabeça, fica um pouco com ideias mais modernas (risos). Acompanha mais o mundo. Eu gosto muito de lá, viu?

Lá [na minha loja] eu escrevia em caderno, deixava lá. Depois de tempo, eu fui achando aquelas coisas que eu escrevia, nem sei quanto tempo fazia. Eu juntei tudo e fiz um livrinho. Montei um livro pra mim. Quem me deu a ideia pra fazer o livro foi a Coordenadora 2 do Reviver. Um dia eu falei pra ela que eu tinha vontade de formar um livro, que eu tinha bastante mensagens escritas. Ela falou pra turma: “Olha, nós vamos ter aqui uma tarde de autógrafos. A Jane vai trazer livros pra autografar aqui. Cada uma traz um pratinho. Nós vamos fazer uma festa”.

Daí, meu Deus, eu não tinha livros, aonde que eu... Tive que mandar fazer os livros assim, meio urgente. Para conseguir dinheiro, eu fiz coxinha pra fora. Eu planejei as amigas que podiam comprar. Então, eu ligava: “Fulana, eu vou fazer coxinha, você quer ficar com um pouco?”, “Ah, fico! Mande uma dúzia pra mim, mande duas dúzias pra mim”. Então, naquele dia, eu fazia oito, nove dúzias de coxinha, distribuía, recebia, e foi assim que eu fiz esse livro (risos). Foi difícil, mas foi uma brincadeira muito boa pra mim. A Coordenadora 2 brincou, eu topei a brincadeira e deu certo.

Levei os livros lá, autografei para as amigas. Foi uma coisa tão bonita, mas tão gratificante! Eu pensava: “Ai, meu Deus, será que o que eu escrevi vão ler?”. E

leram, gostaram. Teve uma professora que ia lá ensinar um pouco de dança pra nós. Ela até fez um jogralzinho tirado de uma mensagem minha. Então, foi uma coisa assim, bonita, gostosa. Mas também foi a única vez, não formei mais livros, escrevo assim, esporadicamente, alguma mensagem pra ser lida ali [no Reviver], mas eu gosto muito. Foi bom pra mim. Com um pouco de sacrifício, mas deu certo.

Às vezes a gente fica uma temporada sem poder aparecer constantemente. Elas perguntam: “O que tá acontecendo, por que você não tem ido?”. Às vezes, um médico nesse dia, ou é algum outro problema que não dá. Eu não gosto de perder por isso, mas, nossa, a turma de lá é muito amiga, encontra a gente na rua, a gente se abraça.

Eu acho que a amizade é uma coisa maravilhosa. [Eu e a Rosa²¹ nos aproximamos muito depois do Reviver.] Quero muito bem a Rosa. Ela é uma pessoa muito sincera. O que ela pode fazer por você ela faz. Eu me dou muito bem com o gênio dela [...]. Tem hora que ela fala que eu sou um pouco mãe dela e um pouco irmã. Eu sou amiga, mãe e irmã dela, ela fala. Se ela precisar de um conselho ela pede pra mim: “Eu não peço pras minhas filhas, é pra você que eu peço”. Se ela quer desabafar alguma coisa, ela desabafa comigo. Então, a gente ficou assim, muito íntima. A gente se liga todos os dias, todos os dias. Às vezes no dia dela [ir] embora,²² às vezes a gente já conversou de manhã, mas, à tarde, na hora dela ir embora, ela fala: “Jane, já tô indo, viu? Já tô de mala pronta!”. Então, quinta-feira agora o Reviver comemorou o Dia da Mulher. Nós fomos aí na pizzaria. E eu falei pra ela: “Rosa, a nossa comemoração do Dia da Mulher vai ser na quinta-feira”, “Ah, mas não vou tá aqui, porque a [minha filha] vai me levar [...]”. E eu não vou estar aqui”.

21 Participante do grupo.

22 Quando vai passar alguns dias com a outra filha.

Eu falei: “Não vai dar pra você vir?”, “Ah, não dá, lá é muito na contramão”. Eu já sabia que ela não vinha, é muito longe, mas hoje quando eu falei com ela, ela falou pra mim: “Tava boa a pizza lá?”. Eu falei: “Coitada, ela ficou com vontade de ir...”. Ela gosta da união. Eu falei: “Tava muito bom, muito bom mesmo”, “Ah, mas não faz mal, outra vez eu vou, se Deus quiser, né?”. Eu falei: “Lógico, não vai faltar ocasião, você vai na próxima vez”.

[Por isso] tenho pena das mulheres que estão dentro de casa, não querem tomar parte em nada, não querem sair, não querem arrumar amigas. Até aconteceu um fato bem triste conosco. Ontem, fez oito dias que eu perdi um sobrinho, de 51 anos, de acidente de moto. Ele com a mulher eram demais de ligados, viajavam, sabe? Ou de carro ou de moto, mas estavam sempre os dois juntos viajando. Agora, houve um acidente. Ele era cuidadoso, não sei o que aconteceu. Então, morreu esse meu sobrinho e eu liguei pra ela ontem: “Olha, não é conselho, hein? Não vou dar conselho pra ninguém, vou falar com você como eu falaria com a minha irmã, ou até com uma filha. Depois que você puser toda a vida em ordem, papelada em ordem, por favor, procure aí algum grupo que você possa se enquadrar com eles. Arrume umas amigas e comece a fazer alguma excursãozinha, sair, viajar”. Ela falou: “Ah, será que eu faço isso?”, “Você tem que fazer isso, porque agora sempre tem um ou outro perto, mais depois você vai se sentir só. Você precisa arrumar amizades. Quando você tinha seu marido nem tinha tempo de arrumar amizades porque viviam passeando os dois. Mas agora você precisa, procure um grupo, forme com alguém um grupo, faça alguma coisa, mas que te tire de casa, ou que você possa bater papo, que você possa passear, que você possa viajar um pouco, porque é necessário isso na vida, viu? Faz falta!”.

Porque depois vem a depressão. Melancolia. Ficam pessoas amargas que só queixam, só reclamam. Ai, porque não sei quê, porque eu tô mal, porque eu não consigo. En-

tão, é só a reclamação de saúde. Eu nunca, nunca, nunca tive nem depressão. Quando eu fui querer me sentir sozinha, eu achei esse clube (risos). Eu nunca precisei tomar um comprimido pra dormir. Relaxante que todo mundo toma, eu não. Eu não preciso de nada. O dia que eu tô em casa, eu leio, assisto às minhas novelinhas. Chega a hora de dormir, vou pra cama, durmo tranquila.

Eu me sinto muito bem. Minha cabeça, graças a Deus, acompanha a cabeça dos jovens, das netas, né? As sobrinhas mandam mensagens pra mim quase todo dia. Eu respondo as mensagens, então é bacana. Elas me mandam pelo computador, e por causa delas eu fiz força e aprendi. O Marcelo falava: “Tem mensagem pra você, mãe”. Eu ia lá, via, mas eu não... ah! Parece que eu não gostava daquilo. Eu não queria. “Você não vai responder, mãe?” Daí, eu respondia, mas não sabia enviar. Eu falei: “É melhor eu aprender um pouco”.

Tem uma moça aqui vizinha e ela é muito prática em computador. Ela vem me dar umas aulas aqui em casa, porque eu tenho dificuldade pra sair. Eu não saio. Ela me ensina e, com isso, aprendi, mando mensagem, tenho umas primas em Mato Grosso do Sul que mandam pra mim, eu mando pra elas. Tudo isso aí ajuda a minha cabeça.

Agora até que eu gosto, viu? No começo, ela me explicava, eu na frente dela fazia tudo. “Treina, viu? Precisa sentar no computador e treinar.” “Ah, depois eu vou sentar. Agora eu vou ler um pouco, mais tarde eu vou no computador (risos)”, porque sempre o livro tava na frente. De uma hora eu deixava pra outra, de um dia eu deixava pro outro. Daí, eu esquecia. Agora peguei firme.

Dentro de casa eu faço tudo, eu que cuido da casa. Eu limpo, faço tudo. Uma vez por mês eu chamo uma moça e ela vem e faz uma faxina geral pra mim e depois eu vou conservando [...] Eu não posso me queixar mais, não, que tá muito bem controlado, mas quem controla sou eu. Eu que vejo almoço, eu que vejo a roupa, eu que

limpo, eu que... então, graças a Deus, eu me sinto muito bem, sendo útil pra mim mesma (risos), eu sou útil pra mim mesma, né?

Meu problema mesmo é só a artrose do joelho e do pé, que me atrapalha um pouco. Eu vou ao grupo porque é durante o dia. Daí, eu não tenho medo. Se fosse à noite, e já não iria, porque eu já teria medo de andar sozinha, de cair. O dia que minha perna tá mais dolorida, que eu acho que eu vou forçar muito eu não vou, né? Lá um dia ou outro, tá assim. Mas sempre também tem uma amiga ou outra que se prontifica, leva a gente (risos). Várias vezes, a Paula²³ já me levou. Algumas de lá já me trouxeram pra casa várias vezes. Então a gente, a gente consegue. Agora tô numa fase ótima e posso andar tranquilamente.

Eu participei do artesanato também um bom tempo, depois apertou muito. Não dava pra sair assim, todo dia, todo dia e, por intermédio do Reviver, eu conheci o teatro. Foi uma coisa maravilhosa. Um dia, a Rosa que já frequentava o teatro disse: “Vamos lá pra você conhecer. Você gosta dessas coisas”. Eu fui pra conhecer e já me deram um texto. Tava faltando uma pessoa (risos). Eu me saí bem no texto. Já fiquei, pronto! Fui pra conhecer e já era protagonista do teatro (risos).

Eu já tinha me desinibido no Reviver, de tanto ler poesia, de tanto falar, de tanto cantar, eu já fui, não senti vergonha. Eu fui eu mesma, pronto, interpretei assim naturalmente. Foi muito bom. A primeira peça foi da Cora Coralina. “A menininha ficava de fora olhando. Um dia a freira chamou a menininha, ela entrou e participou da roda. Tinha a roda que elas cantavam, tinham as lavadeiras que lavavam.” O meu papel era de narradora. Cada uma de nós falávamos um trecho. Foi muito bom. Depois dessa peça, tivemos outra que era a história de uma pensão de idosos. Aquela foi alegrinha, foi diver-

23 Outra participante do Reviver.

tida. Nós éramos três irmãs, fofoqueiras. A gente não deixava passar nada sem a gente ver. Foi muito divertido. Eu era meio surda. Falava uma coisa eu respondia outra diferente. Foi divertido, foi muito bom. Eu gostei muito mesmo do teatro. Foi uma coisa interessante pra mim. Eu não sabia que eu tinha jeito para aquilo. Descobri lá (risos). Gostei muito, foi muito bom.

A família me apoia demais. Os meus filhos falam: “Enquanto a senhora tiver com a cabeça trabalhando assim, a senhora não vai sofrer de Alzheimer. A sua cabeça tá sempre trabalhando, precisa continuar, precisa continuar”. Só que o teatro já vai ser difícil pra eu continuar porque às vezes vão em Lençóis, vão em Itatinga apresentar. E eu não tô mais me propondo a sair à noite fora de casa por causa do problema do joelho. Eu tenho um pouco de medo.

Tem gente que entrou (no Reviver) há pouco tempo e a gente já é amiga. Pessoas que nunca tinha visto na minha vida, são minhas amigas hoje, dali, dali de dentro. Quero ver se eu não paro, não, enquanto eu puder, eu vou com a minha bengalinha, mas vou (risos). É, eu penso, eu penso. Por enquanto eu vou devagarzinho, pego a bengala, porque a bengala pra mim é como se fosse um braço e eu me apoiando nela. Então eu vou com a minha bengalinha, eu penso enquanto eu puder andar, tudo, eu venho no Reviver. Agora, o dia que eu não conseguir, se acontecer, tomara que não aconteça tão já, que eu não quero que aconteça, mas se acontecer daí a gente tem que parar. Mas eu acho que se um dia eu parar e falar que eu não vou mais, eu vou sentir, daí eu vou sentir angústia. Nesse dia eu vou sentir angústia e tristeza, porque eu gosto muito dali (silêncio). Ah não, eu tô me sentindo tão bem. Vamos tocar pra frente. Tô me sentindo muito bem, não tô numa fase assim de parar não. Que é isso?

4

“LUGAR DE MULHER É DENTRO DE CASA”

As informações obtidas por meio das histórias de vida de Sonia, Jane, Rosangela, Ester e Gládis contribuíram para que se caracterizasse o universo dessas mulheres nas diferentes fases de sua vida cotidiana. Assim, foi possível mapear os acontecimentos mais significativos da trajetória dessas pessoas antes de ingressar no Reviver e quais as mudanças que ocorreram depois que começaram a participar do grupo.

O universo das mulheres estudadas

Elas nasceram nas décadas de 1940 e 1950 do século passado, em Botucatu ou região. Oriundas de uma classe social menos favorecida, algumas delas tiveram a infância marcada pelas dificuldades financeiras. Para outras mulheres, as relações familiares difíceis e conflitantes estiveram presentes na infância, caso de Sonia, cuja criação se deu em um ambiente severo, em que tudo era pecado, e sem a existência de comemorações como Natal e aniversário. Para Ester, apesar das lembranças amenas e agradáveis das brincadeiras na rua, a violência do pai contra a mãe esteve muito presente durante a infância, perpassando também a fase adulta.

Eu tinha muitos problemas, porque a criação foi muito difícil. Minha mãe criou assim: tudo é pecado, tudo é errado. Não usar combinação não era errado, era pecado. Aniversário não existia. Minha mãe falava que não existia. Natal não existia. Era muito difícil mesmo. A gente não se sente muito bem com uma festa de aniversário. Até hoje eu não me sinto muito bem. (Sonia)

Nessa parte da convivência do meu pai com a minha mãe, nós sofremos demais. Nós pegamos um trauma muito grande. Ele era muito mulherengo e a minha mãe tinha uma paixão louca pelo meu pai. Então, minha mãe sofria muito. A gente via o pai, várias vezes, agredir minha mãe. Agora tem todo o recurso, mas naquela época, quando a gente era pequena, não tinha. Não tinha nem como defender minha mãe. (Ester)

Minha mãe até tentou se matar por causa do meu pai. Esfaqueou as pernas. Ela deu três facadas. A faca era estreita, mas pontuda. Então, foi profundo. Eu estava grávida de sete meses do meu filho quando aconteceu isso. Eu levei o maior susto. [...] Tive que ir ao médico para tomar remédio pra segurar o bebê; tive que ficar de repouso. Sabe, esse período pra mim foi... (Ester)

Outra característica comum entre essas mulheres foi o início de uma vida afetiva logo nos primeiros anos da adolescência. Algumas delas começaram a namorar entre 14 e 17 anos, vinculando-se a um compromisso e casando-se com o primeiro namorado.

[...] Eu comecei a namorar nova, com 14 anos, e casei com 20. [...] Casei no civil, na igreja. A gente tem aquela ilusão de vestir de noiva, essas coisas. Eu casei como manda o figurino. Meu pai deu uma festa. Foi até aqui em casa. (Gládis)

Meu marido trabalha há 44 anos no mesmo local. Ele sai cedo e vai. Não fica sem trabalhar. Acho [que] se parar, ele descansa. Já tem freguês muito antigo. Ele começou quando a gente se conheceu. Ele tinha 38 e eu 16 (risos). Sabe, no começo da vida a gente ama demais. Quando eu conheci ele, eu me apaixonei sem ele falar uma palavra comigo. (Sonia)

A adolescência dessas mulheres mistura-se com a fase adulta não somente porque elas foram educadas para o

casamento, mas também porque, para algumas delas, a responsabilidade imposta pelo trabalho também já estava presente.

[...] Eu tinha uns 12 anos. [Uma pessoa...] [...] apareceu pedindo se a minha mãe deixava eu trabalhar pra ela. Eu fui tomar conta de uma casa enorme. Esses dias eu estava comentando com as minhas irmãs como a gente aguentava cuidar de uma casa grande daquelas. (Ester)

Eu fui a única que não trabalhei de empregada doméstica, mas minhas irmãs todas trabalharam. E eu já, por ter sido a caçula, então fui a mais poupada. Depois, eu aprendi ofício de cabeleireira. Tinha uns 15, 16 anos, trabalhei no salão de beleza [...]. Daí pra cá só trabalhei. Trabalhei e casei. Tive os meus dois filhos. (Rosangela)

A precariedade e as dificuldades econômicas também acompanham o começo da vida de casada da maioria das entrevistadas: uma vida de contenção, de economia.

Ele trabalhava na Fepasa.¹ Não ganhava muito. Demoramos até pra comprar o primeiro carro. Levamos uma vida assim: fome eu nunca passei (risos), mas sempre uma vida de economia. Sempre fui uma pessoa econômica. Não fui de querer tudo que via. Comprava se dava pra comprar. Apesar que meu pai me deu a casa, não pagava aluguel. Não pagando o aluguel já era uma grande coisa! (Gládis)

Quando casei, vim morar aqui. Não tinha nem vizinho, nem água, nem nada. Pagava carroça pra vim trazer água pra gente. O carroceiro vinha trazer água com tambor. Sabe aqueles tambores grandes, de 200 litros? Aí, vinha e dava para semana. Foi difícil nosso começo de vida. Depois é que começaram a vir os vizinhos. Nós batalhamos bastante. Construímos tudo com o maior sacrifício. (Sonia)

As entrevistadas fazem parte de uma geração cuja casa era reservada à mulher, como fica evidente na fala de algumas delas. Gládis, por exemplo, expressa um senti-

1 Ferrovias Paulista SA.

mento de muita dedicação em relação à família, sentindo-se prejudicada por ter deixado de estudar em função do casamento. Alguns depoimentos mostram ainda a submissão dessas mulheres em relação aos maridos, que não as deixavam trabalhar.

Antigamente parece que a gente era criada pra casar, ter filhos, ser dona de casa. Eu fiz só o ginásio. Não que eu não pudesse continuar. Até meu pai falou pra mim: “Continua os estudos, faz um curso”. Mas eu já tava namorando há quatro anos. Eu não quis e acho que, por isso, também eu paguei um preço alto, acho que foi, por isso, que eu paguei um preço alto (choro). (Gládis)

Eu nunca trabalhei fora. Sempre fiquei dentro de casa, cuidando da casa, dos três filhos. [Meu marido] falou que não queria que eu ficasse fazendo desfile, que eu cuidasse dos filhos, que não pusesse em escolinha. Como eu não trabalhava fora, não tinha por quê. Então fiquei nessa [...]. (Gládis)

Eu casei com 21 anos e, daí, eu parei de trabalhar. Meu marido nunca quis que eu trabalhasse. Mas nunca fui dessas mulheres de boa vida de levantar 10h, 11h. Até hoje eu não conheço esses horários, não. Eu [voltei] a trabalhar quando meu marido comprou esse [comércio]. (Ester)

Mesmo as que buscavam alguma fonte de renda, realizavam atividades relacionadas ao ambiente doméstico ou próximas dele:

[Minha mãe] fazia as roupinhas... Vestidinho de criança. Ela numa máquina, eu na outra, à noite. E, a gente costurava, quer dizer que (risos) a minha vida era ocupada. Muito ocupada. (Jane)

Então, [eu e meu marido] trabalhamos juntos... Assim: eu lavava roupa, costurava, fazia faxina. Fiz muita faxina, costurei muito, lavei muita roupa pra fora. Sou aposentada como costureira. Batalhamos juntos. (Sonia)

Eu [voltei] a trabalhar quando meu marido comprou esse [comércio]. [...] Era uma vida danada. Minha rotina era dura. [...] O dia que era calmo, eu tinha um fogãozinho de duas bocas, punha no chão e levava panela de pressão [para o trabalho]. Carne de panela que demora mais pra fazer eu já ia fazendo, atendendo, fazendo, atendendo. [...] Eu trabalhei na minha

vida. Minhas irmãs até hoje falam: “Eu tenho arrepio só de pensar, de eu lembrar de tudo o que você já fez na vida”. (Ester)

Algumas dessas mulheres abdicaram de lazeres como passear, viajar e dançar em função dos maridos, que não gostavam dessas atividades. Esse fato provocou frustração e tristeza em algumas delas, contribuindo ainda para que ficassem muito isoladas no ambiente familiar, dedicando-se às tarefas domésticas ou ao trabalho até que os filhos estivessem crescidos. Esse pouco tempo para a vida social, mesmo os prazeres mais simples, como “passear nas redondezas”, está presente na maioria dos depoimentos.

O meu marido era um gênio meio fechado, mas comigo, nossa, como ele conversava. Tudo o que passava lá no serviço, tudo no ambiente lá deles, ele me contava. Ele era fechado, não era de sair muito, não gostava de passear, não gostava de festa. Mas vivemos muito bem. Vinte anos eu fiquei casada. (Jane)

Você fica bitolada ali dentro de casa: você lava, passa, cozinha, cuida de criança, troca fralda, lava fralda. Assim não sobrava tempo pra nada. Ele que ia fazer compra. Eu não tinha tempo de fazer nenhum esporte. Nessa idade agora que voltei a fazer esporte. Eu falo: “Não tinha tempo nem de pegar a criança e sair pra dar uma volta, pôr a criança no carrinho e dar uma volta na redondeza”. Não [me] lembro de ter feito isso depois que eu casei. (Gládis)

[...] Eu adoro dançar, né? Se meu marido gostasse de um baile, minha vida teria sido outra porque eu gosto de dançar, de festa. Ele já não gosta dessas coisas. (Ester)

Inclusive meu médico – eu me trato com homeopatia tem mais de 20 anos – falava: “Você tem lazer?”, “Eu não tenho.” “Você viaja?”, “Não viajo.” Eu fui fazer a primeira viagem com [a família] – a caçula já estava com seis anos e o mais velho foi um ano antes dele prestar vestibular. [...] Viajei com os três. Só eu e as crianças e [...o marido] ficou. Sempre foi assim: viajar, unir a família e viajar nunca, nunca (silêncio, choro). Sinto falta (silêncio, choro). (Gládis)

Algumas também tiveram experiências de violência depois de casadas, como no caso de Sonia, cujo comportamento

sexual agressivo do marido representou um tolhimento do prazer. Essa situação já havia sido experimentada, em parte, durante a infância, pela convivência com a mãe autoritária que considerava que tudo era pecado. Para a Ester, a tentativa de suicídio do marido foi a pior experiência de sua vida. Ela já havia passado por episódio semelhante com sua mãe. Esses eventos foram muito marcantes na trajetória de vida dessas mulheres, levando a um sofrimento prolongado.

Quando a gente casou, meu marido fez eu jurar, por Deus, que eu nunca ia procurar ele... [...] porque era coisa de mulher de zona. Se eu nem sabia o que era isso (risos)? Mas tive que jurar. Se a gente nunca teve é uma coisa, mas depois [que] a gente tem acaba gostando. Se eu chegasse perto, ele rasgava as minhas camisolas, me pegava pelo pescoço, me jogava no chão. [Eu não podia procurá-lo, só] de vez em quando, quando ele queria. Não sei como que é isso. E, também, não quero saber. Já foi, já acabou. Nossa relação foi muito difícil, foi difícil, meu Deus do céu! Meu Deus do céu!!! Sofremos demais! (Sonia)

Ficamos 17 anos com [o comércio]. Eu fechei porque ele ficou doente. Sofreu uma depressão violentíssima (baixou o tom de voz). Ele tentou suicídio. Foi um horror. Foi a pior coisa que eu passei na minha vida. Meu Deus! Eu fiquei tão assim, que não tem uma vez que eu saia de casa e não chegue que eu não lembre. Foi a pior coisa da minha vida! (Ester)

Algumas mulheres demonstraram, em suas falas, a falta de laços sociais que as apoiassem nos momentos de dificuldade e uma soma de situações que contribuíram para um isolamento em certo momento de suas vidas.

Depois deu alta lá na terapia. Tive o Antonio. Foi difícil. Eu me fechei muito. Quase não saía pra conversar com os vizinhos. Não queria sair de casa. Complicou de verdade. Fui pra 130 quilos. Ficou um tempo que não queria sair de casa. Vinham as pessoas pra trazer roupa [para lavar], mas eu fechava toda a casa. Eu não queria ver ninguém. Juntou muita coisa. (Sonia)

Eu também tinha medo de ficar sozinha [...] Eu tava fazendo terapia nessa época e eu comentei lá no grupo que me deu um medo de ficar sozinha. [O meu marido] tava trabalhando. Ele saía de manhã pra trabalhar e, quando eu acordei de manhã que

eu lembrei que ele não tava (risos), aquilo me deu um medo de ficar sozinha. Eu levantei, aprontei café, tomei café e fui fazer caminhada, de medo de ficar sozinha. (Gládis)

Para enfrentar essas adversidades, algumas dessas mulheres buscaram ajuda em um serviço de saúde mental, no qual tiveram diferentes experiências terapêuticas. Tais práticas foram fundamentais para auxiliá-las a lidar melhor com as suas dificuldades.

Eu comecei a melhorar depois que fiz terapia [no Hospital das Clínicas]. A primeira vez foi antes do meu segundo filho nascer. Foi bom porque o Antonio apareceu e eu não sabia que estava tendo o Antonio. Ele apareceu assim... Foi muito bom aquela primeira terapia porque me ajudou a aceitar a gravidez. (Sonia)

Ficou um tempo que não queria sair de casa. [...] Daí, fui procurar ajuda de novo. Comecei a frequentar a terapia em grupo, mas eu não falava. Não falava tudo o que acontecia porque eu tinha vergonha de falar. Aí, entrou uma outra com o mesmo problema. Quando ela entrou estava tão aflita que começou a falar. Então eu falei também. Aí melhorou. Fiz dois anos de terapia. A terapeuta falou: “Você melhorou. Eu vou dar alta para você. Mas antes de eu dar alta, você vai conversar com o seu marido. Não brigue, não fale alto, peça explicação”. (Sonia)

Fiz um ano de terapia [no Centro de Saúde Escola] e me ajudou muito. Daí, a psicóloga me encaminhou para o Reviver e eu fui. [...] Eu tomei antidepressivo durante um ano. Aí a médica falou: “Vamos parar?”. E suspendeu. Dali seis meses voltou a depressão, mas aí eu já tava lá no grupo. Já não deu tão forte. Quando voltou a depressão eu já tava lá... Então parece que eu já consegui... e voltei com remédio também. [Mas] faz uns seis meses que eu tô sem o antidepressivo e, cada vez mais, eu consigo ficar sem tomar o remédio. (Gládis)

MÁSCARAS, PLUMAS E PAETÊS²

Hoje é o dia de se esconder atrás de máscaras, de roupas coloridas, de se permitir imaginar e fantasiar. A sala também está adequada para a data:

É Carnaval! As mulheres começam as atividades fazendo alongamento: esticam braços, pernas, pescoço, preparando-se para o baile. A primeira marchinha a embalar a tarde é: “Eh, eh, eh, índio quer apito... se não der pau vai comer”.

Elas dançam, sozinhas ou de mãos dadas com as colegas, e jogam, umas nas outras, confetes e serpentinas. A sala não está cheia. O rádio-gravador está com o som ruim, mas isso não parece incomodar. As mulheres cantam no ritmo delas, nem sempre acompanhando a música. As participantes improvisam um porta-estandarte que vai passando de mão em mão ao som de “se a canoa não virar, olê, olê, olá... eu chego lá...”.

Elas se produziram especialmente para a ocasião. Rosa, 85 anos,³ está toda combinada: calça e sandálias vermelhas; blusa e brincos de cor creme. Também está de batom. Rosângela, 69 anos, está maquiada e gosta de sambar. Ela fez a própria fantasia e as máscaras utilizadas pelas outras participantes e é praticamente a costureira oficial do grupo.

Depois de uma hora, elas começam aos poucos a se sentar, demonstrando cansaço. Só ficam na “pista” Jane e uma das coordenadoras que, para incentivá-las a voltar à dança, diz que a última a sentar ganhará um prêmio. Elas se animam e vol-

3 Rosa, bastante vaidosa, adorava dançar e, até os 84 anos, gostava de ir a bailes. O bom humor era uma das suas características mais marcantes. Frequentou o Reviver até os últimos momentos de vida, falecendo em março de 2009, antes de realizar a entrevista que havia sido agendada com ela.

tam a pular carnaval. Agora, em círculo e de mãos dadas, entoam com entusiasmo “Estrela d’alva”. Na marchinha seguinte, Dolores pega uma sombrinha e brinca de frevo, já Jane vai para o meio da pista sacudindo os ombros e dizendo que vai soltar a fogueira que há nela. As colegas acham graça. Rosa aparece com um vidro de perfume nas mãos e começa a correr atrás das outras participantes. Algumas fogem, outras reclamam da brincadeira, mas ela, com expressão peralta, se defende dizendo que está brincando de lança-perfume: “Isso é da minha época. O que, nesta minha idade, eu já não vi, minha filha?” – pergunta.

Para muitas, este é o carnaval de toda uma vida: um momento em que podem não só se divertir, mas extravasar, se permitir, apesar da idade. É assim com Jane, 75 anos, para quem a data tem conotação muito especial.

Há três coisas que eu sempre quis fazer quando jovem: dirigir, usar calça e ir a um baile de carnaval porque, primeiro, meus pais não deixavam eu fazer nenhuma dessas coisas e, depois de casada, o marido é que não deixava. Eu fui realizando aos poucos esses sonhos. Só consegui usar calças compridas quando meu filho mais velho estava com 14 anos. Não esqueço: foi na festa do Dia das Mães. Eu me arrumei para ir à igreja de calça e blusão. Meu marido disse que eu não iria assim. Já meu filho mais velho disse que, se eu fosse trocar de roupa, ele não me daria o meu presente de Dia das Mães: uma rosa. A partir desse momento, nunca mais parei de usar calças. Consegui também tirar a carta de motorista, mas o carro ficou na garagem.

O sonho que eu mais demorei para realizar foi o de ir a um baile de Carnaval, porque meu marido não gostava mesmo. Só depois que fiquei viúva e ainda, depois de muitos anos, aqui no Reviver, é que pude realmente realizar esse sonho. Por isso, adoro tudo isso!

5 EXPERIMENTANDO O NOVO

Neste capítulo, apresento trechos das entrevistas relacionados à experiência no Reviver. Parte dessas mulheres viveu a criação do grupo no momento em que recebia alta da terapia (como relatamos anteriormente, o grupo foi pensado como alternativa de “continuidade”). Para as outras mulheres, que chegaram ao grupo logo depois de sua instalação, foram outros fatores que as motivaram a procurá-lo. Para algumas, foi o sentimento de vazio deixado pela ausência de trabalho com a chegada da aposentadoria, com os filhos já crescidos, para outras o isolamento social ou os problemas de saúde física e mental.

Em 1994, eu [me] aposentei pra cuidar da minha mãe, porque eu achava que ela era muito sozinha aqui dentro de casa [...]. Veio [a aposentadoria] numa semana, mas dali quinze dias ela morreu. Fiquei pouco fazendo companhia pra ela. É... a vida aplica uns golpes na gente (risos). Eu acho que é pra testar a paciência da gente, mas não me queixo, não, da vida. [...] Mesmo assim ainda tinha um filho pra casar, né? [...] A gente sempre cuidando. [...] Ele casou, tudo bem. [...] E eu comecei a me sentir assim: de repente parece que eu não tinha mais serviço (silêncio). Corri tanto na vida, batalhei tanto e, de repente, cessedou. “Meu Deus, eu preciso fazer alguma coisa”. (Jane)

Mas faz uns quatro, cinco anos que eu tive um problema: **tenho um tumor** [...]. Então, fiquei muito ruim [...] uma coisa horrível. [...] **[Nessa época], eu não queria [sair de casa]**. Eu não tinha vontade de nada. Me sentia mal também. Tinha que ficar quieta em casa. Eu não tava legal. Depois de tempo que eu já tava assim, todo mundo (que) já frequentava [o Reviver] [vinha falar]: “Ah, vai!”. (Rosângela)

Quando eu entrei no grupo eu tava com depressão... (silêncio, choro). Ah, não sei se eu vou conseguir falar, porque já dá nervoso (choro). [...] Então, a crise de depressão... Foi... Eu acho que foi junto com a menopausa. Foram uns problemas financeiros (choro). [...] As coisas começaram a ficar difíceis pra mim (choro). [...] Quando me atacou mesmo a crise forte, eu fiquei de cama quinze dias. Queria morrer. Nem vontade de tomar banho eu tinha. Sabe (choro) quando você quer morrer? E tem medo de morrer? Cheguei a pensar em tomar [remédio] pra abreviar... (Gládis)

Para aquelas mulheres que começaram a participar do Reviver algum tempo após sua criação, é unânime o relato de terem sido bem recebidas. Ali encontraram um espaço para conversar e pessoas interessadas em ouvir o que tinham a dizer: um ambiente propício à troca.

Só de passar aquela tarde lá com as amigas, conversando... Agora que souberam que eu ia ser avó, nossa, não teve quem não perguntou da netinha. Então, é aquela coisa de ser bem recebida. **Você chega lá e é bem recebida. Conversa... conta coisas, é tudo!** (Gládis)

O primeiro dia que eu fui tava tendo festa junina. Quando cheguei lá – já só pouco conhecida – **quando cheguei na porta já me animou porque já conhecia algumas mulheres desde que as crianças eram pequenas**. Eu sou muito comunicativa. Eu gosto de conversar, amizade. Eu adoro. Eu sempre fui assim. **Eu já comecei a me entrosar com a turma**. (Ester)

Todavia, viver essa nova experiência provocou, de início, hesitação em algumas dessas mulheres. Algumas demonstraram certa resistência em experimentar algo diferente do que estavam acostumadas, de experimentar o novo.

[Nessa época], eu não queria [sair de casa]. Eu não tinha vontade de nada. [...] Eu não tava legal. Depois de tempo que eu já tava assim, todo mundo vinha, minhas cunhadas, minha cunhadada já frequentavam [o Reviver]: “Ah, vai!”. **Eu fui umas duas vezes e não gostei. Não me senti bem. Tava naquela fase, fui, sentei ali, fiquei olhando... Fui embora. Duas vezes, eu fui e voltei embora. Não me senti bem.** Depois, a terceira vez eu já fui e já [fiquei]. Aí já começaram a fazer passeios. Eu já fui nos passeios, já comecei a fazer as amizades e gostei. Pra mim foi uma maravilha, porque eu entrei numa depressão, fiquei dentro de casa, sabe? Não queria mais nada. Agora, eu tô bem. (Quando) sinto que vai me dar alguma crise eu já tomo Vertix, aí já melhora, e o Reviver pra mim tá sendo uma coisa! (Rosângela)

Assim mesmo ainda deixei. Passou o mês de fevereiro, porque lá foi fundado em fevereiro, eu dizia: “Será que eu vou? Acho que é perda de tempo, tá saindo de casa, não? O que eu vou fazer lá?” [...] Chegamos assim: “Puxa vida, não? Como será?”. Nossa, quando viram nós: “Oi! Boa tarde! Entra!”. Parecia que a gente já era amiga de anos. Então, daquele dia em diante, eu não perdi mais o clubinho, me senti muito bem lá. (Jane)

As atividades de lazer e culturais, como os passeios, a dança e o teatro são muito valorizadas pelas participantes. Há referências a vários eventos, relacionados à diversão e ao prazer, em suas falas. Para algumas, eles só tiveram espaço em suas vidas depois que começaram a frequentar o grupo.

Eu gosto de tudo, viu (risos)? Gosto de participar dos passeios. Só não vou quando na dá. Às vezes, tô aqui em casa e eu falo: “Ai, meu Deus, acho que eu não vou hoje no grupo”. Depois, eu falo: “Ai, meu Deus, acho que eu vou”. Às vezes, falo pra minha filha: “Acho que hoje eu não vou no grupo”. Ela diz: “Vai no grupo, mãe, faz bem pra senhora ir no grupo. Vai no grupo”. Daí, eu vou. (A família) sempre gosta de perguntar o que eu fiz no grupo pra incentivar. E eu conto. **Eu gosto dos passeios, eu gosto de conversar, eu gosto de participar de tudo no grupo.** (Ester)

Aí surgiu da gente apresentar a dança italiana a primeira vez no teatro. Nossa senhora. Todo mundo ficou apavorada porque ia se apresentar no teatro. Pra nós era uma, nossa... **De fato, eu acho**

que foi uma coisa muito importante. Tudo que a gente faz, que a gente gosta, então a gente sente prazer de ir. Apesar que a gente ficou muito nervoso, a gente tinha apresentado no posto, mas no teatro nunca. Fizemos as roupas, tudo. **Ficou muito bonito. Foi maravilhoso! Que delícia!** (Ester)

Atividades que podem parecer aparentemente simples, como ser a secretária do grupo e escrever a ata ou conseguir ler, falar e se apresentar em público ganham, para algumas delas, outra dimensão: é o sentimento de experimentar situações desafiadoras, nunca antes imaginadas, e que elas acreditavam não serem capazes de realizar. Com o grupo surgem ainda outras possibilidades de experimentação, como os grupos de artesanato, de dança e de teatro.¹

Uma das melhores coisas que aconteceu comigo foi entrar no grupo Reviver (pausa e choro) porque... sei lá, lá a gente vai, a gente conversa. A cada semana tem uma atividade. Me escolheram pra secretária. Eu não queria aceitar. A Coordenadora 1 falou comigo e eu acabei aceitando. Também foi uma coisa boa pra mim. Até eu tava comentando com a minha filha. Já não tava nem escrevendo muito mais e voltei a escrever. A mão da gente parece que já fica mais, né? Pra escrever... tudo, as memórias, as palavras, as coisas vão clareando na mente da gente. (Gládis)

O grupo desinibe a gente, porque a gente, não sei se é um pouco retraída, um pouco envergonhada de falar na frente de outro, ou de declamar uma poesia. Imagine eu nunca tinha feito isso na minha vida! Foi com o grupo Reviver. Eu vi isso não só em mim, mas em outras pessoas, que entraram ali tímidas, retraídas e hoje elas falam, hoje elas cantam, dançam. Então eu acho que o clube (Reviver) ajuda muito o eu da pessoa. A gente tira um pouco as ideias velhas da cabeça, fica um pouco com ideias mais modernas (risos). Acompanha mais o mundo. (Jane)

E também depois fui ser artista de teatro. A Coordenadora 1 passou o recado. Eu pensei: “Eu acho que eu vou”. Uma coisa pulou pra outra (risos, risos). Há dois anos participo do grupo de teatro. Eu e [outras colegas do Reviver]. A gente já evoluiu de novo. [...]

1 O grupo de teatro é organizado pela Secretaria Municipal de Cultura.

O teatro me ajudou a me soltar mais ainda. Uma turma de gente muito legal. A primeira vez que me apresentei me deu uma suadeira (risos, risos). Depois, já não teve mais. (Sonia)

De formas diferentes, o grupo contribuiu para despertar nessas mulheres seu potencial criativo e inovador, a possibilidade de romper com uma situação tolhedora no seu dia a dia. Desde o incentivo para organizar um livro de poesia e a satisfação de ver o seu trabalho valorizado pelas outras colegas até a experiência de ser útil para o grupo. Há, ainda, na fala da Gládis, uma síntese do que ocorre com algumas dessas mulheres: quarta-feira é um dia especial, quando conseguem reservar um dia para elas mesmas.

Eu escrevia num caderno, deixava lá. Depois de tempo, eu fui achando aquelas coisas que eu escrevia, nem sei quanto tempo fazia. Eu juntei tudo e fiz um livrinho. Montei um livro pra mim. **Quem me deu a ideia pra fazer o livro foi a Coordenadora 2 do Reviver.** Um dia eu falei pra ela que eu tinha vontade de formar um livro, que eu tinha bastante mensagens escritas. Ela falou pra turma: **“Olha, nós vamos ter aqui uma tarde de autógrafos. A Jane vai trazer livros pra autografar aqui.** Cada uma traz um pratinho. Nós vamos fazer uma festa” [...] Tive que mandar fazer os livros assim, meio urgente. Para conseguir dinheiro, eu fiz coxinha pra fora. [...] Então, eu ligava: “Fulana, eu vou fazer coxinha, você quer ficar com um pouco?”, “Ah, fico! mande uma dúzia pra mim, mande duas dúzias pra mim”. Então, naquele dia, eu fazia, oito, nove dúzias de coxinha, distribuía, recebia. E foi assim que eu fiz esse livro (risos). **Foi difícil, mas foi uma brincadeira muito boa pra mim. [...] eu topei a brincadeira e deu certo.**

Levei os livros lá, autografei para as amigas. Foi uma coisa tão bonita, mas tão gratificante! Eu pensava: “Ai, meu Deus, será que o que eu escrevi vão ler?”. E leram, gostaram. Teve uma professora que ia lá ensinar um pouco de dança pra nós. Ela até fez um jogralzinho tirado de uma mensagem minha. **Então, foi uma coisa assim, bonita, gostosa.** (Jane)

Aqui em casa eu falo assim: **“Eu reservei a quarta-feira pra mim”.** De manhã, eu vou na hidroginástica e, à tarde, eu vou no Reviver. **Nesse dia, eu faço o mínimo aqui em casa.** Então, eu falo que de semana eu cuido do corpo e de domingo

eu vou cuidar da alma (risos). De quarta e sexta, eu faço hidroginástica e nos outros dias eu alterno com caminhada.

Quando [meu marido] tava ainda trabalhando, eu arrumava uma parte da cozinha. Ele chegava às 13h30 pra almoçar. Eu falava: “Oh, tô saindo lá pro Reviver”. Metade da cozinha eu arrumava e metade sem arrumar, mas eu ia. (Gládis)

A fala de Jane expressa o pensamento de uma época em que o lar era reservado à mulher, como já mostrado anteriormente. Entretanto, o Reviver contribuiu para uma mudança no próprio olhar sobre o papel da mulher na sociedade.

Eu tinha aquela mania antiga de que lugar de mulher era dentro de casa, você entende? Tanto é que eu pensei pra ir. Falei: “Ai meu Deus, perder tempo atrás de clubinho? Isso aí não dá nada. Isso aí é pra quem não quer fazer nada. Se eu ficar aqui, se eu ler um livro, ou se eu fizer um bordado ou alguma coisa acho que eu lucro mais”. **A minha opinião era essa, que era perder tempo, que era bobagem.** Daí, fui e eu convivi com pessoas maravilhosas. **Tirou esse, esse recalque que eu tinha, que lugar de mulher é dentro de casa.** Que é isso? **Nós estamos aqui pra viver, pra compartilhar a vida, pra conversar uma com a outra,** não é verdade? Daí que eu fiquei vendo que eu estava bem errada de pensar assim. **A gente tem mesmo que frequentar um lugar assim, ter amigas, bater papo.** Às vezes, até uma mágoa que você conta aquilo sai, desaparece. Então, **é um clube que ambienta a gente. Tira você da sua frustração, do seu recalque.** (Jane)

Para algumas delas, além de experimentar algo totalmente novo, há também o sentimento de superação das dificuldades. A sensação de ser capaz de produzir algo diferente, rompendo com um passado de sofrimento e sentindo-se vitoriosas por isso.

É incrível, mas a gente pensa que não consegue, mas a gente consegue. É uma coisa interessante de ficar pensando. Ela entrega o texto e a gente tem de decorar. A gente fica naquela aflição, mas chega na hora fala tudo o que tem de falar (risos, risos). **É uma coisa... É uma magia! Olha quantas coisas realizei na minha vida. Embora umas coisas tristes, mas outras maravilhosas.** (Sonia)

Pra mim, eu adoro o Reviver. Levei as minhas duas irmãs e outras amigas para o grupo também. **Lá nós fizemos umas coisas que nunca na minha vida** – com todas as barras, essas coisas todas, essas dificuldades – **eu pensei em fazer. Parece que isso faz bem pra gente.** (Ester)

Apesar de as participantes realizarem atividades que trazem satisfação, fica claro que, para algumas delas, o fato de estarem juntas é muito significativo. Não é só o fazer, mas o encontro que o grupo propicia. Para Rosangela, o grupo traz algo que a entrevistada deixou de fazer depois que os filhos cresceram. Reavivou o seu espírito juvenil e brincalhão.

Sempre fui muito moleca com os meninos. A gente ia pros ranchos lá no Rio Bonito. Eu sofria que nem um cachorro, porque dormir naqueles ranchos, com ratos, com raposa que tinha, eu me enrolava assim no lençol, e ficava a noite inteira enroladinha, mas por causa de estar junto com meus filhos, tinha medo que judiassem deles. Nunca deixei meus filhos sem ninguém. Eu nunca deixei sozinhos que nem meu pai. Isso foram muitos anos que a gente fez essa vida. Até eles ficarem mesmo homens, começarem a namorar. **Agora a gente tem que sossegar um pouco, mas graças a Deus tem o Reviver.** Agora, eu só tenho o Reviver, que eu vou, que eu gosto demais de ir. **Eu gosto daquela reunião. Eu adoro aquela união com o outro, aquela bagunça.** Uma fala: “Eu tô com isso. Eu tô com doença”. A outra: “Não sei o quê”... Aquilo ali pra mim! **Eu passo a tarde que é uma delícia.** (Rosangela)

Eu tenho medo, aí meu Deus do céu, de um dia ficar parada e não poder fazer nada. Se for chegar uma hora dessa aí vai ser duro pra mim. Que eu fico contando os dias pra chegar quarta-feira. Que nem amanhã a gente vai passear. Já não gosto muito. Vou, mas não gosto muito. **Eu gosto da reunião dali. Ali que a gente se abraça** porque [nos passeios] a gente não tem tanto aquele contato. **Pena que é só quarta-feira. Se fosse todo dia, eu ia todo dia.** Gostaria até que fosse mais, porque é muito gostoso. (Rosangela)

Percebe-se ainda **solidariedade** entre as participantes, que buscam se ajudar nas dificuldades. As que enfrentam limitações físicas que dificultam a locomoção

até o grupo contam com a cooperação de outras mulheres que viabilizam esse acesso.

Meu problema mesmo é só a artrose do joelho e do pé, que me atrapalha um pouco. Eu vou ao grupo porque é durante o dia. Daí, eu não tenho medo. Se fosse à noite, eu já não iria, porque eu já teria medo de andar sozinha, de cair. O dia que minha perna tá mais dolorida, que eu acho que eu vou forçar muito eu não vou, né? Lá um dia ou outro, tá assim. Mas sempre também tem uma amiga ou outra que se prontifica, leva a gente (risos). Várias vezes, a Paula já me levou. Algumas de lá já me trouxeram pra casa várias vezes. Então a gente, a gente consegue. Agora tô numa fase ótima e posso andar tranquilamente. (Jane)

Em muitas falas, percebe-se a construção de vínculos entre as participantes, que se telefonam quando uma delas falta ao grupo, que se abraçam quando se encontram na rua, que identificam uma a outra como amiga. Há ainda a valorização dessas relações que começaram com o Reviver e que são realimentadas por meio dele. Pessoas que eram apenas conhecidas e se tornaram amigas depois que passaram a frequentar o Reviver. Percebe-se também o sentimento de família, de “amizade verdadeira”:

Tem gente que entrou [no Reviver] há pouco tempo e a gente já é amiga. **Pessoas que nunca tinha visto na minha vida, são minhas amigas hoje, dali, dali de dentro.** Quero ver se eu não paro, não, enquanto eu puder, eu vou com a minha bengalinha, mas vou (risos). (Jane)

Quando não vou, ligam para saber o que aconteceu. Quando a gente falta, acha falta delas. Ficam telefonando, perguntando o que aconteceu. A gente tem todos os telefones. Uma liga pra outra. Se falta, ligam já: “Essa semana você tem que vir”. Tem pessoas lá que falavam: “Sonia, eu pensava que você era orgulhosa...” porque eu não conversava com as pessoas. E todas elas me querem bem e eu a elas. **“Vocês são a minha família, segunda família”.** (Sonia)

[Eu e a Rosa nos aproximamos muito depois do Reviver.] **Quero muito bem a Rosa.** Ela é uma pessoa muito sincera. O que ela pode fazer por você ela faz. Eu me dou muito bem com o gênio

dela [...]. Tem hora que ela fala que eu sou um pouco mãe dela e um pouco irmã. Eu sou amiga, mãe e irmã dela, ela fala. **Se ela precisar de um conselho ela pede pra mim:** “Eu não peço pras minhas filhas é pra você que eu peço”. **Se ela quer desabafar alguma coisa, ela desabafa comigo.** Então, a gente ficou assim, muito íntima. A gente se liga todos os dias, todos os dias. (Jane)

Também há a preocupação em ficar sem o grupo. Para algumas mulheres esse sentimento é motivado por problemas de saúde que elas temem possam dificultar o acesso ao Reviver. Para Sonia, há certa insegurança de que o grupo perca o espaço onde realiza as reuniões. Também há o sentimento de que é necessário fazer algo para que isso não ocorra.

Eu tenho medo, ai meu Deus do céu, de um dia ficar parada e não poder fazer nada. Se for chegar uma hora dessa aí vai ser duro pra mim. **Que eu fico contando os dias pra chegar quarta-feira.** [...] Pena que é só quarta-feira. Se fosse todo dia, eu ia todo dia. Gostaria até que fosse mais, porque é muito gostoso. (Rosangela)

Quero ver se eu não paro, não, enquanto eu puder, eu vou com a minha bengalinha, mas vou (risos). É, eu penso, eu penso. Por enquanto eu vou devagarzinho, pego a bengala, porque a bengala pra mim é como se fosse um braço e eu me apoiando nela. Então eu vou com a minha bengalinha, **eu penso, enquanto eu puder andar, tudo, eu venho no Reviver.** Agora, o dia que eu não conseguir, se acontecer, tomara que não aconteça tão já, que eu não quero que aconteça, mas se acontecer daí a gente tem que parar. **Mas eu acho que se um dia eu parar e falar que eu não vou mais, eu vou sentir, daí eu vou sentir angústia. Nesse dia eu vou sentir angústia e tristeza, porque eu gosto muito dali (silêncio).** Ah não, eu tô me sentindo tão bem. Vamos tocar pra frente. Tô me sentindo muito bem, não tô numa fase, assim, de parar não! Que é isso? (Jane)

GESTOS E AFETOS²

A sala é pequena e modesta: cadeiras plásticas, uma mesa de jantar, um ventilador de teto, uma lousa e um relógio que marca quase 13h55 e nos lembra que já está próximo de começar. As mulheres vão chegando aos poucos, se beijam, se abraçam e vão demonstrando proximidade.

À medida que chegam, o burburinho vai tomando conta da sala: elas conversam sobre amenidades, sobre as dificuldades do dia a dia, sobre suas dores e alegrias. Gilda, 80 anos, comenta do braço que dói e está imobilizado; outra relata como está a situação do diabetes. Muitas vezes, há uma sobreposição de vozes e de assuntos. Uma senhora risonha, de olhos azuis, entra na sala e interrompe a conversa porque todas comentam como ela está bonita. Usa uma blusa vermelha e calça bege com bordado na bainha e está com novo corte de cabelo.

“Ângela, você parece o Beißola (do seriado “A Grande Família”)” – brinca uma colega.

Elas caem na risada. Comentam ainda as notícias sobre a violência no Rio de Janeiro. Mostram interesse pelos problemas do mundo e gostam de expressar o que pensam. Estão vestidas de modo simples, mas a maioria usa, nesse dia, roupas coloridas e está de batom.

Vão chegando e sentando em semicírculo. Na ponta, está uma das coordenadoras do grupo, que pede para a turma ir diminuindo a conversa para começarem as atividades. A maioria parece à vontade, agindo de forma descontraída. É mais uma

2 Registros do caderno de campo deste estudo.

quarta-feira na vida do Reviver, mas que nada parece de rotineiro. A cada sessão elas buscam planejar uma atividade diferente. Como estão no começo do ano, ainda não definiram a programação porque muitas estão em férias.

A coordenadora propõe um exercício para treinar a atenção e explica que é essencial para ajudar na memória. A proposta é que a primeira faça um gesto e que seja repetido por todas até que chegue a vez da segunda, que faz o mesmo gesto acrescentando mais um. No começo, todas participam e se divertem. Algumas erram, se atrapalham na ordem e dão risada. Quando uma esquece, outras colegas ajudam a lembrá-la.

Das quinze mulheres, duas demonstraram mais dificuldades em participar da brincadeira por não lembrarem na hora o que deveriam fazer.

“Agora é eu?” – pergunta Sofia, meio sem graça porque esqueceu a sequência.

Parece desatenta, mas surpreende o grupo ao sugerir um gesto diferente, quebrando a monotonia do exercício. As colegas gostam e riem. Ela volta ao silêncio, fica com braços e pernas cruzados, olhar distante e acaba não participando do restante da atividade.

Ao terminar o exercício, a coordenadora pede que, pelo menos três mulheres relatem o que contribuiu para ajudar a lembrar a sequência, mas várias querem participar. Elas destacaram como fatores que, pelo menos, ajudaram o exercício: prestar atenção em cada movimento e ir contando o número de exercícios. Essa troca de ideias fez com que muitas trouxessem suas experiências para a discussão, contando as falhas de memória que ocorrem no seu dia a dia.

6

O REVIVER COMO GRUPO-DISPOSITIVO

Por mais que eu tivesse interesse nas histórias dessas mulheres e suas vivências no Reviver, algumas entrevistas enveredaram por outros caminhos, nem sempre mantendo o foco apenas em experiências particulares. Foi possível perceber que para essas mulheres não era possível falar apenas em primeira pessoa, sem se referir a histórias de outras pessoas que constantemente “vinham parar” no meio do relato. Mesmo parecendo, num primeiro momento, uma fuga ou desvio da entrevista, depois, na leitura atenta dos textos, foi possível chegar a outra constatação. Essas mulheres falavam sobre suas vidas referindo-se a relações e, para isso, incluíam histórias de vida de outros familiares nas suas próprias histórias, o que já havia sido constatado por Thompson ao abordar esse tema (Thompson, 2002).

Para Caldeira (1984), isso ocorre porque as mulheres (de classes populares) estão muito centradas no mundo privado e constroem sua identidade a partir do papel que desempenham na família. O que as falas das entrevistadas expressam, portanto, vai além das experiências pessoais, mas representam “a vida de um certo grupo social, de uma determinada sociedade, em um tempo específico, em um certo lugar” (Caldeira, 1984, p.144).

Em algumas falas, elas deixam claro qual é o seu papel na sociedade e o que é ser mulher nesse contexto: reserva-se a elas o ambiente doméstico, os afazeres da casa, o cuidado dos filhos. Segundo Fuks (2002), durante quatro séculos, no Brasil, o mundo privado destinava-se às mulheres e o público aos homens, que detinham o poder sobre os bens, a família e a mulher. Para Monteiro e Souza (2007), na sociedade brasileira, o casamento passou a ser considerado, historicamente, um meio de garantir a saúde dos filhos e a identidade feminina centrada na reprodução.

Mesmo que, nas últimas décadas, com a inserção das mulheres no mercado de trabalho de forma mais expressiva, haja mudanças nesse cenário, para o grupo de mulheres sujeitos deste estudo essas transformações não foram tão expressivas.

São mulheres que experimentaram a responsabilidade desde jovens, quando tiveram que trabalhar para ajudar financeiramente a família. O fato de começarem a trabalhar cedo é, segundo Scott (2001), uma forma de antecipar os ciclos da vida, passando já por experiências que constituem o cotidiano do mundo adulto.

Também começaram a namorar cedo e experimentaram a vivência com pais autoritários e maridos que viriam a desempenhar essa mesma função. Muitos não permitiam que elas tivessem vida social (“Não queria que eu fizesse desfile”¹), interferindo no jeito de vestir (“não podia usar calças compridas”) e até no modo de ser, contribuindo para que algumas abdicassem de atividades de que gostavam, como sair para passear, dançar, se divertir. Em relação à vida profissional, houve, para algumas delas, uma mudança quando passaram do status de solteira para o de casada. Alguns maridos não queriam que as esposas trabalhassem, prevalecendo uma relação de poder e submissão. Essa forma de tolher que esteve presente em alguns

1 Sair, passear.

desses relacionamentos conjugais repercutiu de forma significativa na vida dessas mulheres.

Ao olhar para as histórias das entrevistadas é possível perceber o quanto o fato de estarem presas nesse papel imposto socialmente – ser mulher – e viver de acordo com padrões que pautam a conduta feminina contribuiu para limitar a autonomia sobre suas escolhas. Na maioria das vezes, elas foram privadas de experiências que poderiam levar a situações novas, proporcionar novos acontecimentos em sua vida, como o divertimento e o prazer. Isso ocorre porque esse modo de subjetivação predominante, que pode ser entendido como “processos de constituição da subjetividade (...) que tanto construirão objetos, quanto conformarão modos de existir” (Barros, 2009, p.45), é fabricado e modelado no registro social (Guattari e Rolnik, 2005).

Algumas ainda foram marcadas por situações de violência – direta ou vivenciada por um familiar. A violência contra a mulher é um problema de saúde pública que está presente em todo o mundo e representa uma violação dos direitos humanos, impedindo a igualdade de gêneros (ONU, 2006). Para Caldas e Gessolo (2008, p.163), é fruto de um “machismo que predomina na sociedade com um domínio do masculino sobre o feminino em uma relação de poder entre os homens e as mulheres no mundo cotidiano”.

É possível perceber, ainda, na fala de algumas entrevistadas, o quanto tais experiências foram negativas em suas trajetórias de vida e as levaram ao sofrimento. Segundo Krug et al. (2002), a violência por parceiro íntimo pode ter um grande impacto na saúde das mulheres que vivenciam tal experiência e tem sido associada a uma série de problemas de saúde, tanto imediatos como de longo prazo. Além da dimensão individual, pode também acarretar repercussões psicossociais, econômicas e políticas no plano familiar e social (Grossi et al., 2008).

Na fala de uma delas há a referência ao fato de que antes, quando era criança e via o pai bater na mãe, não havia

recursos, ou seja, a mulher não tinha amparo legal que a protegesse contra a violência. Segundo Lima et al. (2008, p.6), essa

recente percepção e consciência é consequência do trabalho dos movimentos de mulheres e feministas que contribuíram para remover a pesada e empoeirada manta que mantinha em sigilo a dor e o medo de gerações de mulheres e famílias.

A implantação das delegacias de mulheres, na década de 1980, e a Lei Maria da Penha, de 2006, são avanços no combate à violência contra as mulheres (Grossi et al., 2008), apesar de ela ainda estar presente em muitos lares brasileiros.

Situações como as citadas acabaram contribuindo para que algumas dessas mulheres se sentissem incapazes de enfrentar tais problemas, fragilizando-as e produzindo sofrimento psíquico. A tendência é que fossem buscar apoio de um amigo ou familiar. Mas, nas falas, é perceptível a escassez de uma rede de relações sociais capaz de servir como suporte nesse momento. As entrevistadas percorreram caminhos diferentes na tentativa de resolver seus problemas e tiveram experiências diversas em relação ao processo de saúde-doença-cuidado. A opção, para algumas delas, foi procurar um serviço de saúde mental.

A terapia foi fundamental para auxiliar essas mulheres a lidar melhor com suas dificuldades. Aquelas que puderam participar de uma terapia em grupo obtiveram alguns benefícios. Segundo Bechelli e Santos (2002, p.384), “estudos controlados e com metodologia criteriosa indicam que a psicoterapia de grupo é eficaz. E, além disso, é tão eficaz quanto a psicoterapia individual”. Com o grupo, essas mulheres puderam experimentar a possibilidade de troca, de não se sentirem sozinhas em sua dor e de perceberem que determinado problema não era algo que só acontecia com elas, mas também com outras pessoas.

Esse é o caminho que elas trilharam até chegar ao Re-viver. Algumas tiveram certa resistência, certa desconfiança

quanto ao que iriam encontrar, hesitaram frente a uma situação que se mostrava completamente diferente nas primeiras vezes que foram ao grupo. Mas o que se pôde constatar tanto durante a observação participante quanto durante as entrevistas foi uma transformação na vida dessas mulheres depois que começaram a frequentar o grupo.

Isso pode ter ocorrido porque o grupo operou como um dispositivo, como uma “máquina capaz de fazer ver e de fazer falar” que pode “acionar um processo de decomposição, produzir novos acontecimentos, acentuando a polivocidade² dos componentes de subjetivação” (Barros, 1995, p.151).

Esse processo maquínico alavanca outros modos de subjetivação. Ao fazê-los funcionar, o grupo rompe com formas endurecidas de ser e viver – mulheres silenciadas, caladas, homogeneizadas. No grupo, elas puderam experimentar outras formas de subjetividade que contribuíram para “desmanchar territórios cristalizados” (Barros, 2009, p.29).

Estamos utilizando o conceito de Guattari, em que o território:

Pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (Guattari e Rolnik, 2005, p.323)

O que esses novos modos de subjetivação podem ter provocado nessas mulheres? Provocaram criação, ousadia e devires. Para Barros (2009, p.208), o devir não “é julgado pelo resultado final, mas pela qualidade de seu curso

2 “Uma potência incapturável, ilegível aos códigos tradicionais. Uma pluralidade de sentidos, vozes, formas de expressão, em fuga”. Guattari, Félix. *Revolução molecular. Pulsões políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

e pela potência de sua continuação”. Isso ocorre porque, quando há outras formas de subjetivação, o que está em jogo é a processualidade.

O Reviver pode ser caracterizado como um espaço onde essas mulheres desenvolveram a criatividade. Experimentaram situações novas e desafiadoras que elas antes não acreditavam que poderiam transformar-se em realidade: ser artista de teatro, dançar, publicar um livro, passear com amigas, resgatar a alegria e o prazer de viver com o outro. Não ser apenas expectadoras, mas subirem ao palco e ser protagonistas de suas próprias vidas. Ao analisar as entrevistas, é possível perceber a mudança de postura durante a narrativa quando elas se referem ao Reviver. O prazer e o riso estão muito presentes nos relatos das experiências vivenciadas no grupo. Segundo Brito Mota (1999), apud Scott (2001), que analisou quatro grupos de convivência, eles contribuem para a sociabilidade, o lazer, a informação e resgatam o próprio prazer de viver. Para Lima (2000),

O grupo torna-se ainda mais importante para que as pessoas se sintam prestigiadas e qualificadas e, principalmente, tratadas para viver uma velhice mais feliz. Os momentos de integração proporcionados promovem o encontro com novas amizades, novos costumes, novos exemplos, novos interesses e a aceitação das diferenças pessoais e das constantes mudanças da época atual. (Lima, 2000, p.113)

Em outro contexto e para outras pessoas, experiências como a de falar em público talvez não tivessem a mesma dimensão que têm para parte das mulheres que frequentam o grupo, para as quais isso representa experimentar o novo. Experiências como as que ocorrem no grupo proporcionaram a essas mulheres a possibilidade de potencializar sua capacidade, tão coibida em muitos momentos da vida.

Para algumas, ainda, o Reviver provocou pequenas revoluções (Heller, 1982) no cotidiano, por exemplo, no momento em que disseram para si e para a família que

a quarta-feira à tarde era um momento delas. Era o momento de “deixar a louça em cima da pia” e sair para ir ao grupo. Para essas mulheres, que foram educadas num ambiente muito centrado nos afazeres domésticos, essa postura representa uma pequena revolução, um romper com o constituído.

Segundo Barros (1996, p.102), no trabalho grupal as conexões estabelecidas não ocorrem somente entre pessoas diferentes, mas também entre modos de existência diferentes. Assim, o dispositivo grupal poderia “disparar movimentos inesperados porque as pessoas estão frente ao desconhecido tanto no aspecto de uma nova experiência quanto na possibilidade de experimentar que passa a percorrer as superfícies dos encontros”.

É possível perceber esses movimentos inesperados nas experiências relatadas pelas mulheres, como no caso da entrevistada que se sente muito capaz e útil porque consegue escrever a ata da reunião do Reviver. Tal situação pode ser vista por duas dimensões que, como diz Guattari (apud Barros, 2009), não param de se atravessar: uma configuração molar (que aprende os objetos em seu estado constituído), que opera numa segmentaridade dura: uma ata, com todas as suas formalidades. Mas, para Gládis, o ato de escrever aciona uma linha de fuga, opera num plano molecular, de produção, de se sentir capaz de realizar essa tarefa e obter satisfação com isso. O primeiro plano “codifica e generaliza e o segundo cria e comporta variações”. E é nesse embate que é possível produzir singularizações (Barros, 1995, p.102).

Dessa forma, no plano molecular, operam modos de subjetivação originais e singulares, processos de singularização que podem:

Rechaçar todos os modos de codificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de controle a distância, rechaçá-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que

produzam uma subjetividade singular. (Guattari e Rolnik, 2005, p.29)

Para Guattari (2005), para que realmente ocorram processos de reapropriação de subjetividades,

Tais como um grupo de pessoas que queriam organizar suas vidas de outro modo [...] ou de um grupo de mulheres que, mesmo em pequena escala, queiram libertar-se do sistema opressivo de que são objeto desde há milênios [...] devem criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, devem inventar sua práxis de maneira que produzam aberturas no sistema de subjetividade dominante. (Guattari e Rolnik, 2005, p.67)

Essas aberturas podem ocorrer à medida que o Reviver atua como produtor de desejo. O conceito utilizado por Guattari difere da concepção psicanalítica sobre o tema. Freud concebeu a sexualidade no campo do desejo, que seria “fundador do inconsciente e do sujeito” (Birman, 1999, p.31). Guattari faz uma crítica a essa concepção; para ele o desejo não é um assunto secreto ou vergonhoso, “como pretendem a psicologia e a moral dominantes” (Guattari e Rolnik, 1986, p.255), pois atravessa o campo social e produz objetos e os modos de subjetivação que os correspondem. O autor denomina desejo [como] “todas as formas de vontade de viver, de criar, de amar, vontade de inventar outra sociedade, outra percepção do mundo, sistemas de valores” (Guattari e Rolnik, 1986, p.255).

O desejo, entendido como potência de vida, possibilitou às mulheres do Reviver romper com uma história de submissão à casa e à família, descristalizando papéis impostos socialmente. Tal constatação vai ao encontro do trabalho realizado por Ramão et al. (2005) com mulheres em situação de violência de gênero. Os autores observaram que a violência paralisava o movimento do desejo, contribuindo para que essas mulheres ficassem territorializadas nos papéis de mãe, esposa e cuidadora. Para romper com tal situação, os autores utilizaram oficinas em que

ocorria o relato de histórias de vida e dramatização, que possibilitaram a constituição de novos territórios e devires na vida dessas mulheres.

Todavia, mesmo operando em linhas de fuga e provocando pequenas rupturas nesse modo de subjetivação predominante, nem sempre o Reviver operou como um “grupo sujeito”. O que pode ser percebido pelo fato de o grupo ainda depender da organização e planejamento, da figura “do coordenador”,³ ainda que as propostas sejam discutidas entre as partes envolvidas. Se, por um lado, o grupo caminhou para uma progressiva desinstitucionalização e autonomização – percebida quando as mulheres fazem atividades que ocorrem independentemente do grupo –, por outro lado, o grupo mantém ainda uma estrutura vinculada à instituição, que viabiliza o local das reuniões e mantém as mesmas profissionais. Apesar do forte vínculo que se formou entre as participantes e coordenadoras nos dez anos de atividade do grupo, percebe-se, por parte das mulheres, certa dependência das coordenadoras como aquelas que pensam o grupo e orientam as atividades.

Embora a expectativa das coordenadoras – e mesmo da direção do CSE, à época – fosse de que o Reviver, no decorrer dos anos, viesse a tornar-se autônomo, tal fato não se realizou por completo. Mais recentemente, essa questão tem sido objeto de atenção das coordenadoras, embora a proposição seja a de transformar o grupo em uma associação, com regimento e estatuto, pensando-o numa ótica molar.

Considerando ainda que a autonomia não é algo acabado, mas está sempre em construção, é possível perceber que há também rupturas provocadas pela dinâmica entre dependência e autonomia. Também essa alternância trouxe a possibilidade de essas mulheres se deslocarem da

3 Situação também observada pela pesquisadora.

figura de cuidadoras, tanto como esposas quanto mães, e assumir outro papel ao participarem da organização e planejamento do grupo. Nesse contexto, é o novo que surge e está imbricado na própria construção da autonomia pela qual o grupo está passando. Enfim, podemos dizer que, nestes dez anos, o Reviver caracterizou-se fortemente como um grupo sujeito, embora possa, em alguns aspectos, ter se aproximado de um grupo sujeitado. Como reconhece Guattari, o grupo sujeitado e o grupo sujeito não são mutuamente exclusivos, o que significa que qualquer grupo poderia oscilar entre esses dois polos (Barros, 2009).

Esse caráter não homogeneizante do grupo Reviver possibilita abrir brechas, produzir pequenas rupturas nos modos de subjetivação dominantes. Dessa forma, o grupo se engendra também como um dispositivo, capaz de provocar nessas mulheres seu potencial criativo, uma postura de mais ousadia em relação à própria vida, de romper com uma situação estabelecida.

O recorte etnográfico utilizado, mediante o reconhecimento das histórias de vida, permitiu se aproximar do universo dessas mulheres e perceber a relevância que o grupo teve na vida delas ao produzir novas e talvez radicais necessidades: uma pequena “revolução” da vida cotidiana (Heller, 1982). Ao olhar para a história do grupo, percebe-se que, dados os objetivos inicialmente estabelecidos – ser um espaço de saúde e de lazer – os resultados alcançados ultrapassaram os esperados, uma vez que o grupo contribuiu para potencializar nessas mulheres novos processos de subjetivação, os quais extrapolaram o espaço grupal e possibilitaram outras experiências: como teatro, dança, artesanato, passeios organizados pelas próprias participantes e os vários encontros com as amigas.

Mesmo trabalhando com as histórias individuais, havia a intenção de caracterizar o universo dessas mulheres e marcar, como os dados nos apontavam, como era a vida

delas antes de ingressar no grupo e quais as mudanças (os devires) que ocorreram depois que começaram a frequentar o Reviver, ou seja, o quanto este conseguiu fazer brotar novos acontecimentos em suas vidas.

O estudo desse grupo, como um espaço que acolhe pessoas em busca de alguma atividade de lazer e vida social, permitiu ainda algumas reflexões na esfera das políticas públicas, pois sua criação, por um serviço de saúde, não só reflete a escassez de espaços comunitários e de vivência em Botucatu, como a dificuldade de intervenções de natureza intersetorial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA, K. M.; COLENCI, R.; MORENO, V. Conhecendo o processo de implantação da saúde mental no Centro de Saúde Mental: a visão dos profissionais. *Enfermagem Atual*, v.18, p.22-6, 2003.
- ANDALÓ, C. *Mediação grupal: uma leitura histórico-cultural*. São Paulo: Ágora, 2006.
- BARROS, R. B. de. Dispositivos em ação: o grupo. In: PERBART, P. P.; ROLNIK, S. (org.). Grupo e produção. In: LANCETTI, A. (org.). *Saúde Loucura 4*. São Paulo: Hucitec, 1995. p.149-54.
- _____. (org.). *Gilles Deleuze: cadernos de Subjetividade*. São Paulo: PUC/SP, 1996. p.97-106.
- _____. (org.). *Grupo: formação de um simulacro*. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2009.
- BECHELLI, L. P. de C.; SANTOS, M. A. dos. Psicoterapia de grupo e considerações sobre o paciente como agente da própria mudança. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v.10, n.3, 2002, p.383-91.
- BERTAUX, D. L'approche biographique: sa valité méthodologique, ses potentialités. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, v.69, 1980, p.197-225.
- BIRMAN, J. *Cartografias do desejo*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- BODGAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Ed., 1991.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: memória de velhos*. São Paulo: T.A. Editor, 2009.
- CALDAS, J. M. P.; GESSOLO, K. M. Violencia de género: nuevas realidades y nuevos retos. *Saúde e Sociedade*, v.17, n.3, 2008, p.161-70.
- CALDEIRA, T. P. do R. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CARVALHO, M. A. de. *Atividades grupais para o autoconhecimento e a socialização*. Unifac – Monografia de conclusão do curso de Serviço social, 2002.

- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of Qualitative Research*. 2.ed. Thousand Oaks: Sage Pub., 2000.
- FORTES, P. A. C.; ZOBOLI, E. L. C. P. Bioética e promoção da saúde. In: Lefèvre, F., Cavalcanti, A. M. C. *Promoção de saúde: a negação da negação*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004. p.147-63.
- FUKS, L. B. Diferentes momentos da evolução feminina. In: GURFINKEL, A. C.; BREYTON, D. M. (orgs.). *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. São Paulo: Estuca, 2002. p.105-14.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GROSSI, P. K.; TAVARES, F. A.; OLIVEIRA, S. B. A rede de proteção à mulher em situação de violência doméstica: avanços e desafios. *Athenea digital*, n.14, 2008, p.267-80.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HELLER, Agnes. *La revolución de la vida cotidiana*. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1982.
- KRUG, E. G. et al. Violence by Intimate Partners. In: _____. *World Report on Violence and Health*. Geneva: World Health Organization, 2002. p.87-121.
- LIMA, E. P. *Página ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- LIMA, L. H. P. *Com-vivências e envelhecimento*. Porto Alegre: Age, 2000.
- LIMA, D. C.; BÜCHELE, F.; CLÍMACO, D. A. Homens, gênero e violência contra a mulher. *Saúde e Sociedade*, v.17 n.2, 2008, p.69-81.
- MELO, L. da E. *O coletivo como plano de co-engendramento do indivíduo e da sociedade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MENEZES, R. J. Devir e agenciamento no pensamento de Gilles Deleuze. *Comum*, v.11, n.26, p.66-85, 2006.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1992.
- MONTEIRO, C. F. de S.; SOUZA, I. E. de O. S. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. *Texto & Contexto Enfermagem*, v.16 n.1, 2007, p.26-31.
- ONOCKO CAMPOS, R.; GAMA, C. Saúde mental na atenção básica. In: CAMPOS, G. W. S.; GUERREIRO, A. V. P. *Manual de práticas de atenção básica, saúde ampliada e compartilhada*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2008.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- RAMADAN, Z. B. A. Psicoterapia de grupo: teoria e prática. *Revista de Psiquiatria Clínica*, n.34, v.5, p.254-5, 2007.
- RAMÃO, S. R.; MENEGHEL, S. N.; OLIVEIRA, C. Nos caminhos de Iansã: cartografando a subjetividade de mulheres em situação de violência de gênero. *Psicologia & Sociedade*, v.17, n.2, 2005, p.79-87.
- SCOTT, R. P. Quase adulta, quase velha: por que antecipar as fases do ciclo vital? *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v.5, n.8, 2001, p.61-72.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.22 n.63, 2007, p.153-5.

Referências eletrônicas

- DELEUZE, G. O que é um dispositivo. In: O mistério de Ariana. Lisboa: Ed. Veja – Passagens, 1996. Disponível em: <http://www.prrpg.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze%20%20O%20que%20%C3%A9%20um%20dispositivo.pdf> . Acesso em 05/04/2010.
- ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *In-depth Study on all Forms of Violence Against Women*. Nova York, 2006. Disponível em: <<http://daccess-ods.un.org/TMP/8874883.html>> Acesso em: 05/04/2010.

SOBRE O LIVRO

Formato: 12 x 21 cm

Mancha: 20,2 x 41,5 paicas

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14

1ª edição: 2011

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Arlete Zebber

CULTURA
ACADÊMICA 
Editora